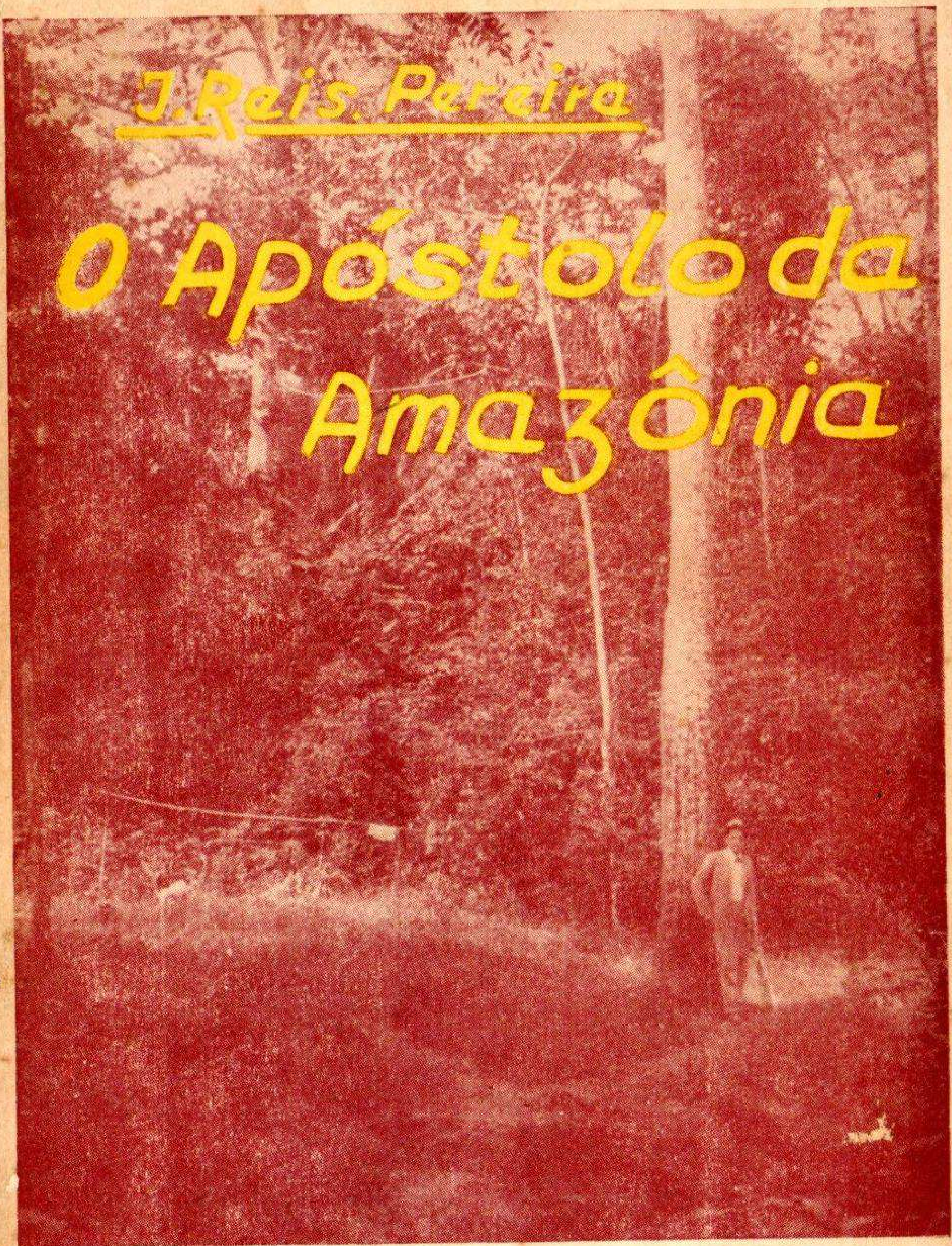
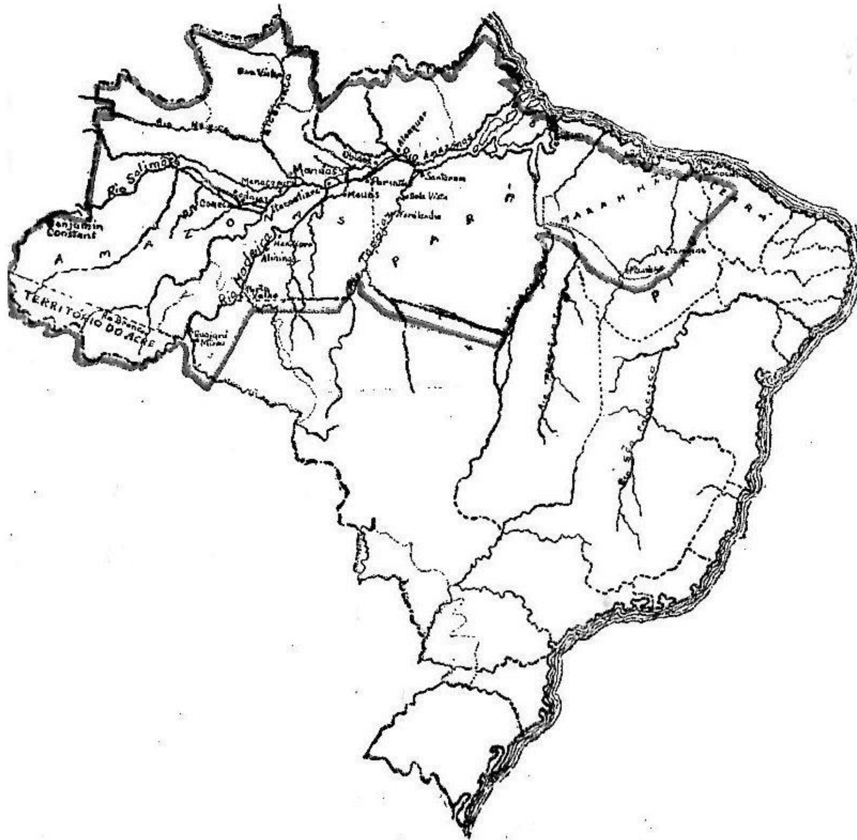

J. Reis. Pereira
O Apóstolo da
Amazônia

José dos Reis Pereira

O APÓSTOLO DA AMAZÔNIA

EURICO ALFREDO NELSON

Rio de Janeiro - 1945



Vê-se nêste mapa do Brasil, cercada a vermelho, a região imensa onde Nelson trabalhou como pioneiro, dêsde o Acre até o Ceará.

ÍNDICE

Explicação

Tive a idéia de escrever êste livro depois de ter ouvido o dr. L. M. Bratcher falar sôbre Eurico Alfredo Nelson, no "Dia Missionário" do Seminário Teológico Batista do Sul, realizado em junho de 1943.

Senti então o quanto seria inspiradora a vida admirável do "Apóstolo da Amazônia" contada aos nossos moços e o quanto poderia ela concorrer para o despertamento de vocações para o ministério e de vocações missionárias.

Não é esta uma obra literária. Não busquei sugestões na técnica das modernas biografias romanceadas. Antes procurei fazer obra honesta, sincera, simples e desataviada e espero que constitua de fato um apêlo que impressione nossos moços batistas.

Quero expressar aqui minha gratidão ao dr. L. M. Bratcher que me pôs à disposição todo o material de que dispunha. Agradeço também as preciosas informações que me deram os irmãos Djalma Cunha, W. C. Taylor, Tomaz L. Costa e João Daniel do Nascimento.

Composto com espírito de oração espero que Deus abençôe êste livro, permitindo que êle seja realmente uma fonte de inspiração constante para a mocidade batista brasileira.

Rio, junho de 1945.

José dos Reis Pereira.

UMA PALAVRA DE APRECIAÇÃO

Quando em 1935 visitei pela primeira vez o grande Amazonas, ao saltar no cais de Manaus, o irmão Nelson me recebeu com estas palavras: "Pois bem, finalmente o senhor está visitando o Brasil verdadeiro". Estas palavras exprimiam o pensamento e o amor do "Apóstolo da Amazônia" em relação à terra onde, durante quase meio século, Eurico Alfredo Nelson dedicou sua vida ao trabalho de difundir as Boas Novas de Salvação. Para êle o Brasil era a Amazônia e a salvação da Amazônia foi a paixão de sua alma. Naquela tarefa êle empregou todos os seus talentos, tôda a sua energia, todo o seu amor.

Durante três meses daquele ano, viajei com o irmão Nelson, subindo e descendo os caminhos fluviais da região interessante e atraente. Sentí, o amor verdadeiro que o povo dedicava ao mensageiro da paz, o único durante muitos anos, a visitar aquelas paragens. Foi então que me nasceu o desejo de preparar o material para uma biografia daquele grande batalhador! Porisso combinei com o irmão Nelson uma visita mais demorada em 1939. Fiz a viagem, conforme disse o autor, e, logo depois de encontrar-me com o irmão Nelson procurei mostrar-lhe a necessidade de tal obra. Era tão modesto que relutou muito contra a sugestão por mim apresentada. Só depois de argumentar com êle durante um mês foi que se convenceu do valor de um plano para tornar conhecidas as necessidades do seu amado campo. Logò depois começou a preparar o material com grande entusiasmo. Deus não permitiu que êle o fizesse porque o chamou três dias depois de iniciar definitivamente o trabalho.

Continuei a obra, mas com a intenção de publicar a biografia primeiramente na lingua inglesa e, mais tarde, em

português. Outra vez Deus mudou os nossos planos porque a enfermidade não permitiu que eu completasse o trabalho em inglês. Então fiz tudo para descobrir alguém que pudesse preparar a obra na lingua portuguêsa. Outra vez Deus providenciou.

Como o autor conta na sua apresentação, falei sôbre a vida de Nelson numa reunião missionária no Seminário do Sul. Estava presente o Prof. José dos Reis Pereira e ficou impressionado com a idéia da publicação da biografia com o objetivo de influenciar a Mocidade Batista para a tarefa missionária na Pátria Brasileira. Poucos dias depois revelou-me o seu plano e pediu o material para o trabalho. Foi para mim um grande prazer colocar à sua disposição todo o material colhido aqui e na outra América.

O prof. Reis consagrou muito tempo à obra e eis os resultados daquele esfôrço: "Eurico Alfredo Nelson, O Apóstolo da Amazônia". Quando o original me chegou às mãos, quase não pude esperar até que dispusesse de um tempo menos ocupado para examinar o livro, tal era o interêsse que eu tinha em saber se o livro era aquele que Nelson merecia. Perguntei a mim mesmo se seria possível um moço Pastor e Professor sondar profundamente o amor e o espírito missionário do Apóstolo para depois apresentá-lo aos batistas brasileiros! Porisso reservei uma noite exclusivamente para examinar os originais.

Sem fazer favor algum ao autor, posso afirmar, com tôda sinceridade do meu coração, que o livro é um retrato fiel do obreiro, da sua ajudadora e do trabalho que êle fez. Naquela noite vivi de novo com Eurico Nelson e viajei de novo pela Amazônia em companhia daquela grande alma. Ao terminar a leitura procurava saber como é que o Pastor José dos Reis Pereira pôde apresentar tão fielmente o Apóstolo da Amazônia. Creio que a resposta se encontra nestas razões.

Primeiro, o irmão Reis se dedicou à tarefa, com todo o

amor do seu coração, um amor que visa a salvação da Pátria. Sendo assim, o Espírito Santo o ajudou a interpretar a vida do Apóstolo. Em segundo lugar, o autor se aprofundou no assunto de tal maneira que chegou a compreender e apresentar o verdadeiro espírito missionário do irmão Nelson. Em terceiro lugar, o seu perféito conhecimento do assunto e da língua tornou possivel um retrato perfeito do Apóstolo. Por tôdas estas razões reafirmo que a obra é um retrato fiel da personalidade apresentada.

Com alegria e com grande gratidão a Deus e ao autor, apresento esta biografia aos batistas brasileiros e aos outros que conosco amam a causa do Evangelho. De modo todo especial desejo apresentá-la à Mocidade Batista Brasileira esperando que a inspiração dêste livro possa chamá-la para uma grande tarefa, qual seja a de completar a obra que o irmão Nelson não pôde terminar e a que êle deu a sua vida.

Dou os meus sinceros parabens ao Prof. José dos Reis Pereira pelo preparo do Livro porque é uma contribuição de grande valor para a obra missionária no Brasil. Que êle ou mais alguém, seja inspirado a preparar outras biografias até que os vultos batistas brasileiros sejam conhecidos aqui e no estrangeiro. Que sejam preparadas biografias do Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá, Joaquim Fernandes Lessa, Francisco Fulgêncio Soren e de outros que têm contribuido tanto para a obra missionária no Brasil.

Que Deus use êste livro para sua honra e glória e para a salvação da Amazônia à qual Nelson dedicou todo o seu amor e tôda a sua vida.

L. M. Bratcher, Sec. Cor. Tes. da Junta de Missões Nacionais.

Rio de Janeiro, 5 de julho de 1945.

CAPÍTULO I

NASCE UM MENINO NA SUÉCIA

Nas proximidades de Orebro, linda e pitoresca cidade, à beira do lago Hielmar, na Suécia, ao amanhecer do dia 17 de Dezembro de 1862, uma certa casa estava em festa. Era inverno, um dêsses bravos invernos escandinavos que são qualquer coisa de impressionante e incompreensível para nós brasileiros, habitantes dos trópicos que, à menor descida da temperatura já batemos valentemente os queixos e retiramos das gavetas todos os agazalhos disponíveis. Nós nunca soubemos o que é marcar um termômetro alguns graus abaixo de zero. Por sua vez para a gente nórdica é coisa absolutamente inédita uma temperatura de 40 graus. Imaginemos agora, por um momento, um homem nascido na terra da neve e do gêlo vir trabalhar na fornalha equatorial do Amazonas e aí gastar a maior parte de sua vida. Os planos de Deus são de fato insondáveis e transcendem os limites de nossa compreensão e os raciocínios de nossa lógica. Nossa idéia é que só um sertanejo tostado pelo sol, afeito ao clima e ao ambiente, acostumado às soalheiras e aos calores, de corpo fechado para as febres, poderia enfrentar a espessura e as surprêsas da "selva selvaggia" do inferno verde. Entretanto foi de um branco e delicado filho do Norte nevoso que Deus fêz o obreiro por excelência do equador brasileiro.

Naquele dia gelado de dezembro de 1862 nasceu êle. Era o terceiro filho de André e Ana Maria Nelson. Ana Maria era luterana convicta, mas André ainda não se tinha decidido por êsse tempo, em matéria de religião. Assim, quando Ana Maria quis batizar o pimpolho, segundo o rito luterano, André não se opôs, explicando, com bom humor, que um

pouco de água na cabeça não iria fazer mal ao garoto. Dêsse modo, em 9 de janeiro de 1863, havia mais um luteranozinho na cidade de Orebro. Chamava-se Erik, Eurico.

Seis anos viveu o pequeno Eurico na sua cidade. Às margens do lago azul e tranqüilo talvez tivesse sentido, pela primeira vez, o futuro missionário, o amor pelas grandes águas sossegadas. Seu pai tinha recebido por doação a propriedade em que vivia. Diga-se, de passagem que a terra não era grande coisa: rochosa, áspera, não se prestava para nenhuma cultura. Mas André Nelson era industrioso e trabalhador como poucos. Não se deixou abater pela esterilidade da terra. Dotou-a de melhoramentos tais que o Inspetor do Govêrno premiou-o pela industriosidade revelada. Êle próprio construiu uma máquina debulhadora que era movida à fôrça de cavalos. Com a idade de 6 anos Eurico foi encarregado de guiar os cavalos porque em sua casa todos tinham que trabalhar.

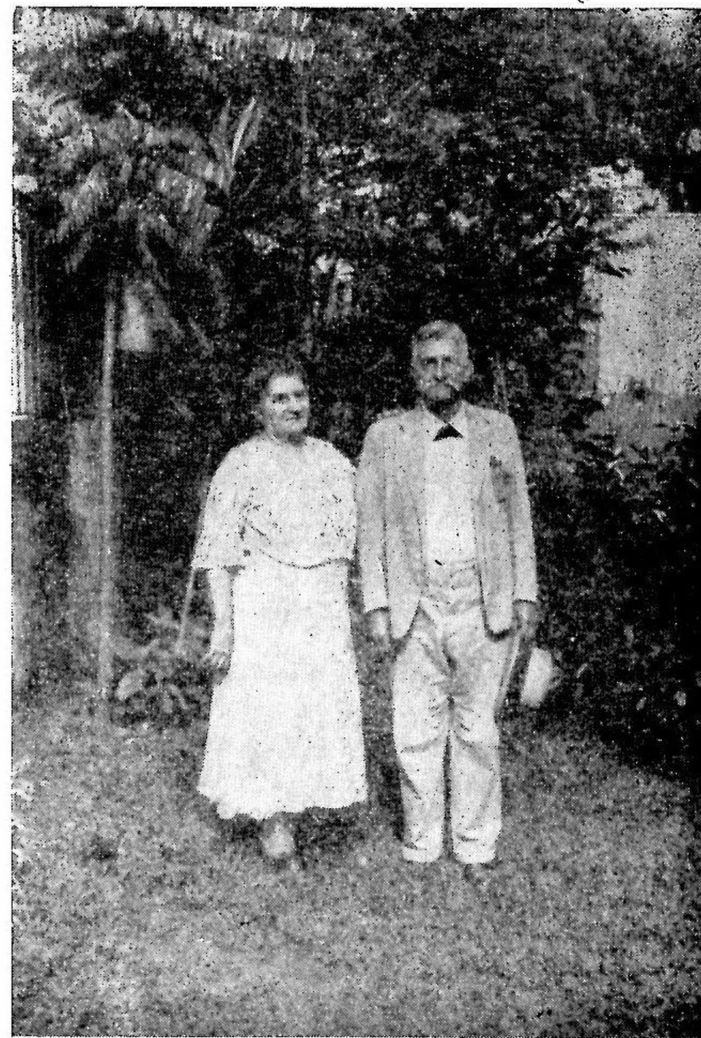
Foi também com essa idade que Eurico começou os primeiros estudos. Havia escolas espalhadas por tôda a Suécia e o govêrno, no louvável intuito de levar a instrução a todos os recantos do país, enviava professores especiais que ensinavam alunos isolados, nos lugares em que não houvesse escola. Assim foi que Eurico teve a oportunidade de estudar durante dois trimestres. O professor e sua espôsa eram batistas. Foi nessa ocasião que André Nelson teve oportunidade de conhecer os batistas e suas doutrinas. Era êle um investigador sincero, do tipo dos sempre relembrados bereanos, que não se tinha decidido ainda quanto à religião, justamente porque o luteranismo não o satisfazia. Conhecendo, entretanto, os ensinamentos batistas e conferindo-os na sua Bíblia, êle se convenceu e se converteu. Quando um colportor passou por sua casa, André foi batizado. A cerimônia só pôde ser realizada à noite, porque não era prudente naquele tempo fazer demonstrações públicas duma seita perseguida como

era a dos batistas. O povo era intolerante, como soem ser, via de regra, todos os adeptos de religiões oficializadas. Êsse era o caso do luteranismo na Suécia. Um das vítimas dessa intolerância foi justamente o colportor que batizou André Nelson. A sanha popular voltou-se contra êle, prenderam-no e o açoitaram, quebraram-lhe uma perna e, finalmente, lançaram-no no lago para que perecesse afogado. Mas o "hereje" tinha o auxílio de Deus e, como Paulo em Listra, escapou do crime: ao tocar a água fria, recobrou os sentidos que havia perdido ante a violência dos açoites e apesar das dores sofridas por causa da perna quebrada, nadou para a margem. Muitos anos mais tarde, quando já era missionário, Eurico Nelson encontrou êsse veterano colportor no Estado norte-americano de Kansas.

Tornando-se batista, um dos primeiros cuidados de André Nelson foi organizar uma Escola Dominical em sua casa. A escola se desenvolveu de tal maneira que André se sentiu impelido a iniciar também pregações evangelísticas. Dentro em pouco, com perseguição e tudo, graças a essa tenacidade característica dos batistas, uma igreja era fundada e uma casa construida de troncos de madeira era a ela destinada. Até hoje existe o edifício e nêle ainda funciona uma igreja batista. Os batismos, pelas razões que já foram apontadas, tinham que ser efetuados à noite, sem muita publicidade. A cerimônia parece que tinha o dom de atiçar a irritabilidade dos perseguidores.

Passado algum tempo, André Nelson que já era diácono da igreja, tornou-se também pregador, afim de melhor concorrer para o desenvolvimento da obra. Mas as questões provenientes da contribuição obrigatória para o sustento da igreja oficial tornaram-se tão constantes e prementes que muitos batistas suecos começaram a abandonar a pátria em demanda dos Estados Unidos, terra tradicional da liberdade religiosa e que sempre acolheu generosamente todos aquêles que, de-

sejando adorar a Deus segundo os ditames de sua consciência, eram perseguidos pelo oficialismo intolerante. André Nelson um dia também compreendeu que era chegado o tempo de abandonar a pátria e buscar aquela terra distante e hospitaleira que do outro lado do Atlântico lhe acenava com a liberdade. Assim foi que em Abril de 1869 êle partiu de Gotemburgo com sua família, liderando um grupo de 300 compatriotas, entre os quais estava grande número de batistas. O navio os deixou no porto de Hull, na Inglaterra; de lá seguiram por terra para Liverpool onde embarcaram noutro navio que fêz escalas na Irlanda e no Canadá, antes de aportar em Nova York. Foi nessa viagem que Eurico Nelson teve o primeiro contacto com os católicos. E' que, ao parar na Irlanda, embarcaram no navio em que iam os Nelson, algumas centenas de católicos irlandeses, também em busca duma terra mais fértil e mais livre. Êles gastavam o tempo da viagem em algazarras e dansas, como bons católicos que eram, para grande escândalo dos rígidos batistas suecos que acompanhavam André Nelson. Mas se porventura se levantava uma tempestade, dessas que freqüentemente punham em perigo a vida dos que navegavam pelo Atlântico Norte, os católicos cessavam amedrontados o seu baile e os batistas se punham de joelhos em oração. Muitos anos mais tarde Eurico Nelson, numa terra tradicionalmente católica, iria ter um contacto mais íntimo e profundo com a volubilidade católica e sua temerosa ineficiência em face das tormentas da vida.



E. A. Nelson e sua brava companheira, Dona Ida Nelson. Fotografia tirada em 1935.

CIRCULAR

DA

EGREJA de DEUS

Denominada *Baptista*. MANAUS *Amazonas*

Abril de 1901.

Sendo impossivel fallar com todos; e cumprir assim o mandamento Divino "Ide ensinae todos" torna-se nessesario utilizar os meios que Deus tem nos dado. para que todos possam conhecer, que estamos proximo da regressa do Jesus para este mundo.

Os judeus; d'esde o tempo de David, esperava o Mesias, mas por nao cumprir —como elles julgavam——o que se esperava d'Elle, pois julgavam que o primeiro acto seria a expulsar os romanos —até os Apostolos perguntaram si n'estes dias havia de restaurar á Israel, o reino. pensando no reino material só. Jesus tinha dito, mat. 24: 14. este Evangelho do reino será prégado em todo mundo, em testemunho a todo mundo, a todas as gentes, e então virá o fim. - Os judeus, romanos, e nos ultimos seculos, a egreja catholica, por meio dos Jesuitas tem feito tudo possivel para acabar com o evangelho; mas, porque? nao querem que Jesus reina, querem com o papa, per rei, governar todo mundo. Embora todos esforços diabolicos, da parte d'esta egreja satanica temos conseguido espalhar as palavras de Jesus em mais que quatrocentas linguas, e pregado á quazi todas os tribos da terra. *Jesus portanto está á porta!*

Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá, atè os que o traspassaram, e todos lamentarão sobre elle. Sim. Amen. Apo. 1 7. e como subiu assim voltará.

E, como foi no tempo de Noé, assim sera tambem a vinda do Filho do homen. porque como, nos dias anteriores ao diluvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o conheceram, até que veiu o diluviu, e os levou a todos,— assim será tambem a vinda do Filho do homem. Entao, dois estarão no campo; será levado um, e deixado outro. duas estarão moendo no moinho; será levado uma e deixada outra. Vigiae, pois, porque não sabeis a que hora ha de vir o vosso Senhor; Mas considera isto: se o pae da familha soubesse a que vigia da noite havia de vir o ladrão, vigiaria e não deixara minar a sua casa. Por isso, estae vós apercebidos tambem; porque o Filho do homem ha de vir à hora em que não penseis.

E todas as nações serão reunidas diante d'elle, e apartará uns dos outros como o pastor aparta dos bodes as ovelhas.

Não sabeis que os injustos não hão de herdar o reino de Deus? não erreis: nem os idolatras, nem os adulteros, nem os effeminados, nem os sódomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores. herdará o reino de Deus. Quando se manifestar o Senhor Jesus desde o céu com os anjos do seu poder: com labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não *obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Christo* os quaes por castigo, padecerão eterna pedição. assim Deus falla. que respondera? Oh sp[illegible] que rejeitas a palavra de Deus. e tu padre —escravo miseravel do papa— que has de responder teu juiz? por ter enganado tantas almas, hoje no inferno por dinheiro!

Fac-simile do 1º. número da "CIRCULAR DA IGREJA DE DEUS" jornalzinho composto por Nelson na Primeira Igreja de Manaus.

CAPÍTULO II

NAS TERRAS DA LIVRE AMÉRICA

Quando a família Nelson chegou aos Estados Unidos, o país ainda estava se refazendo das profundas feridas causadas pela guerra civil. Era presidente Ulisses Grant, o general chefe das tropas federais. André Nelson partiu de Nova York para o Estado de Kansas, justamente no centro da nova terra. Grande parte da viagem foi feita por estrada de ferro. Nesse tempo os trilhos só iam até a cidade de Ottawa, já no Estado de Kansas. Daí por diante os Nelson prosseguiram a viagem num carro coberto, puxado por juntas de bois, exatamente como os pioneiros que devassaram e povoaram o "far-west". Chegados que foram ao destino, começou a faina de cultivo do solo dadivoso. Ao pequeno Eurico coube a guarda dos rebanhos.

A cidade mais próxima do lugar onde êles ficaram era Humboldt, a cêrca de 15 quilômetros, mas a estrada de ferro ainda não passava por ela. Todavia, êsse signo do progresso não tardou a chegar a Humboldt e André Nelson fêz um contrato com a ferrovia, comprometendo-se a prestar-lhe alguns serviços. Uma outra estrada dentro em pouco foi também construida e os imigrantes aproveitaram-se das novas possibilidades que lhes abriam os transportes para plantar milho, aveia e trigo em grande quantidade.

Eurico continuava tomando conta do gado. Foi êsse o seu serviço até a idade de 14 anos. Tinha como obrigação levar os bois a pastar e passava com êles nos campos todo o dia. Freqüentemente ordenhava alguma vaca para matar a fome ou saciar a sêde. E quando chegava a hora de levar as rêzes a beber, êle ia à frente afim de dar uns gostosos mergu-

lhos na água fresca e clara do rio. Essa espécie de aprendizado agreste, em contacto com a natureza, valeu-lhe aquela admirável compleição física que tanto o ajudou na resistência às provações constantes do seu futuro apostolado.

O trabalho tinha que ser intenso e não podia dispensar o auxílio de ninguém, nem mesmo de um menino como Eurico. Por isso teve que descurar os estudos que iniciara na Suécia. Só podia dispor de tempo para estudar no inverno, isto é, durante três meses. E assim mesmo sempre havia muito serviço em casa e Eurico tinha que "matar" as aulas. Por três invernos sucessivos êle procurou cursar a escola. Ia às aulas um dia e era obrigado a faltar dois ou três. Atrazava-se com isso e quando voltava tinha que empregar dobrado esfôrço para alcançar os companheiros. Era uma luta titânica aquela em que se empenhava o pequeno sueco. Mas devem ser dadas graças a Deus por essa escola de esfôrço e trabalho em que se apurou a têmpera do grande missionário de nosso sertão.

Eurico começou pelo segundo livro de leitura mas só pôde chegar até o quarto. Aí, à vista das irregularidades de freqüência, não quis saber mais de escola. Não consta que tivesse tido mais tarde qualquer outra oportunidade para estudar. Foi êsse, portanto, todo o preparo escolar de Eurico Nelson. Deus, de quando em quando, mostra o seu poder chamando homens como êle, sem cogitar absolutamente de sua falta de preparo inteletual. Note-se, todavia, que Deus, quando assim faz, dá provas inequívocas de chamada, contra as quais são inteiramente desassisadas quaisquer previsões ou imposições humanas. E não se deve confundir tais chamadas, raras e especiais, com a ignorância pretensiosa de alguns, que teimam em desobedecer aos conselhos divinos e de irmãos mais experimentados, dão de mão à muitas oportunidades que lhes são apresentadas para estudar um pouco mais e depois vão fracassar no ministério, por-

que não se prepararam devidamente. Deus chama pescadores simples como Pedro, mas também chama homens cultos como Paulo. Êle envia homens sem preparo intelectual como Nelson, mas também envia homens formados como Bagby. E cada um fêz o seu trabalho. Deus chama e os homens nem sempre distinguem a chamada, mas também aqui é verdadeiro o prognóstico: "pelos frutos os conhecereis". Pelos frutos de um ministério pode-se perceber muito cedo se o homem não se antecipou ao cumprimento da vontade divina e se não começou a sua obra completamente desapercebido do que lhe era indispensável para levá-la a termo.

Convém ainda observar, baseados no testemunho de seu irmão Carlos, que Eurico Nelson era um menino dotado de singular inteligência e grande vivacidade de espírito. Jornais e livros que chegavam a sua casa eram por êle devorados com sofreguidão; lia-os de fio a pavio, retendo tudo quanto havia lido. Assim sua inteligência e sua capacidade retentiva, supriam as falhas de sua instrução.

Eurico Nelson aos quatorze anos era um rapaz desempenado e forte, que vivia pelos campos em companhia dos seus bois, correndo, nadando e cantando. Êle se sentia à vontade naquela terra que antes havia pertencido aos índios e que êstes haviam enchido com suas correrias e guerras.

Como eram diferentes aquelas planícies verdes e infindáveis, sob um céu azul e escampo, como eram diferentes das penedias escarpadas e do céu enfarruscado da Suécia, cuja lembrança ia se esvanecendo pouco a pouco na memória do menino vaqueiro. Via êle passar despreocupadamente os dias sem nenhuma inquietação de caráter espiritual. Logo que seu pai e os compatriotas batistas haviam chegado à nova terra, haviam fundado uma igreja que se iniciou, pequena mas forte, com vinte e cinco membros. Eurico freqüentava a igreja, mas freqüentava por freqüentar, não tendo sentido nenhum impulso de conversão. Seus ideais estavam muito

longe de uma vida inteiramente consagrada ao trabalho do Senhor.

Mas, por êsse tempo, em princípios de 1877, a igreja resolveu realizar um grande esfôrço de avivamento. Sérios problemas haviam antes sacudido a novel congregação. Um pregador adventista havia entrado feito lobo no meio do rebanho e o próprio pastor da igreja se deixou levar no êrro. Reagindo contra a heresia, a igreja excluiu o pastor e escolheu André Nelson para ocupar o lugar vago. André desejou com o avivamento fazer esquecer as provações passadas e preparou um salão bem grande, especialmente para as reuniões que se deveriam efetuar. Os membros da igreja empregaram tôda a diligência para que o trabalho fôsse bem sucedido. O mesmo entusiasmo e a mesma dedicação com que se entregavam aos trabalhos do campo, êles agora empregavam no trabalho da igreja. Trabalharam ativamente, fervorosamente, por semanas a fio, e quando chegou a hora da colheita, o Senhor os abençoou concedendo-lhes muitos frutos. Na casa de André Nelson duas foram as conversões: a de seu filho mais velho e a do pequeno Eurico.

Assim aos quatorze anos, no dia 10 de abril de 1877, Eurico Nelson, batizado por seu próprio pai, confessou pùblicamente a Jesus Cristo, manifestando o propósito de viver por Êle uma vida nova, que deveria ser muito mais gloriosa do que aquela que êle havia sonhado nos seus devaneios infantis, enquanto conduzia o gado paterno através das verdes planícies de Kansas.

Tendo seus irmãos mais velhos deixado o lar para correr mundo, ficou decidido então que Eurico ficaria em casa, cuidando dos trabalhos da fazenda, até completar vinte e dois anos. Êle trabalhou, pois, até essa idade com seu pai, cumprindo religiosamente as suas obrigações na manutenção e desenvolvimento da fazenda.

Êsse trabalho árduo, mas saudável, realizado ao ar-livre,

sob a bênção do sol ardente e do céu azul, constituiu para Eurico Nelson uma preparação física ideal para a magnífica e também árdua tarefa que teria de realizar mais tarde na Amazônia. A maior parte das responsabilidades no trabalho da fazenda recaía sôbre seus ombros e êle teve oportunidade então de desenvolver o espírito de iniciativa, a capacidade de esfôrço e a resistência física, dotes que depois tão bem o caracterizaram.

Quando completou vinte e dois anos seu pai resolveu dividir a terra entre os seus filhos. Cada um dêles recebeu uma boa parte para cultivar a seu modo e sob sua inteira responsabilidade. Era, sem dúvida, uma bela oportunidade para Eurico se firmar definitivamente na região, desenvolver o que recebera, constituir família e se tornar um próspero fazendeiro. Para isso não lhe faltavam qualidades. Mas o mesmo espírito aventureiro que já havia levado para longe os irmãos mais velhos, apossou-se também de Eurico. Sentia-se atraido para os largos campos do Texas. E tinha a impressão de estar amarrado e oprimido dentro dos limites da fazenda paterna. Queria respirar a largos haustos o ar das terras distantes. Embora dono de sua parte de terra êle se sentia peado nos seus desejos e aspirava ser livre, absolutamente livre, senhor integral dos seus destinos. Cansava-lhe aquela monotonia da vida doméstica. Assim numa resolução súbita, mas que vinha após maduras reflexões, rompeu todos os laços que o prendiam à casa paterna e rumou para o sul. Entre os laços rompidos figuravam os da religião. O moço queria ser integralmente livre...

CAPÍTULO III

A CHAMADA DO MESTRE

Saindo de casa Nelson foi trabalhar nos Estados de Texas e Oklahoma. Era agora um completo vaqueiro, hábil em conduzir gado. Ganhou mesmo certa fama como cavaleiro. E' dêsse tempo um episódio que dá idéia da férrea energia que muito havia de servir ao futuro missionário. Havia na fazenda em que Nelson trabalhava um cavalo considerado indomável. Ninguém ainda tinha conseguido dominar o animal. Nelson foi desafiado a fazê-lo. Caso conseguisse o cavalo seria seu. Era um lindo cavalo negro, de pelo luzídio, árdego e forte. Nelson, a princípio relutou. Êle não era nenhum domador para cavalgar semelhante fera. Mas a tentação era muito forte e o moço decidiu-se. No dia seguinte, após algumas horas de luta, em que o cavaleiro dispendeu larga soma de energia e de astúcia, o belo "Black" regressou à fazenda trazendo montado o seu primeiro vencedor e agora legítimo dono.

Um outro episódio, ocorrido nesse mesmo tempo, também revela que Nelson quando tomava uma decisão não voltava atrás. Êle havia combinado com um companheiro de trabalho comemorar o feriado nacional do 4 de Julho, dia da independência, subindo ao Monte Oray, um dos mais altos dos Estados Unidos, com cêrca de 4 mil metros. Na hora de sair para a ascenção o companheiro desistiu. Achou, naturalmente, que não era negócio gozar um feriado grimpando pelas escarpas perigosas do monte, arriscando-se e esfalfando-se. Mas Nelson já havia decidido que naquele dia subiria ao monte e foi sòzinho. A ascenção era difícil e por muitos considerada impossível, mas Nelson venceu mais essa prova.

Levado pelo seu desejo de aventura e de conhecer novas terras, Nelson percorreu vários Estados: Oklahoma, Texas, Colorado, Novo México. Trabalhou algum tempo na construção da famosa estrada de Santa Fé. Não se deu muito bem, entretanto, com êsse trabalho e voltou à lida dos ranchos. Fixou-se então em Central Park, trabalhando como domador de cavalos. Foi nessa ocasião que êle encontrou um amigo, um texano de nome Georges House, com quem esteve a pique de vir para o Brasil. Corria por essa época o boato de que os ranchos iriam ter espaço limitado para a criação de seus cavalos. Nelson não podia se conformar com essa idéia. Êle queria espaço à vontade para longas e intermináveis galopadas. Por isso começou a procurar nos mapas um lugar em que fôsse absolutamente livre para correr léguas e léguas sem fim. Foi quando seus olhos cairam sôbre as planícies do Rio Branco, ao norte do Amazonas e que lhe pareciam ideais para a criação do gado. Foi pressuroso procurar seu amigo Georges. Encontrando-o começaram logo a falar sôbre o assunto obrigatório nas rodas de vaqueiros: a limitação do espaço para a criação. Georges estava certo de que a notícia não era simples boato.

— Que é que vamos fazer agora? disse Nelson.

— Não sei. Que é que você está pensando, respondeu Georges percebendo que o amigo tinha algum plano.

— Vamos para o Brasil.

— Brasil? Onde fica isso? replicou o outro meio espantado.

— E' lá na América do Sul. Há um grande rio, chamado Rio Branco, que banha as mais belas pastagens do mundo. Garanto que lá arranjaremos lugar à vontade.

— Talvez, respondeu incrèdulamente o amigo. Mas você não acha que fica um bocado longe êsse lugar?

— Que importância tem isso? respondeu Nelson, sentindo o coração bater mais fortemente à idéia de mais outra

aventura. E para êle não tinha importância mesmo. As distâncias não lhe faziam diferença. Empolgado pela sua idéia êle imaginava e descrevia os campos do Rio Branco como se lá já estivesse estado. E pensava na viagem para terra tão longínqua com o mesmo otimismo com que decidira e realizara a ascenção ao Monte Oray.

Georges foi conquistado pelo entusiasmo verdadeiramente contagiante do amigo. Começaram ambos a traçar afoitamente os planos de partida para o Brasil distante e desconhecido, que lhes prometia fortuna fácil. Já se viam dirigindo vastos rebanhos, de milhares de cabeças, através das planícies e colinas do Rio Branco. Mas algum tempo depois Georges House deixou o rancho e o belo plano gorou.

Assim, pela primeira vez, o nome do Brasil e particularmente o do Amazonas, surgiu no pensamento de Nelson. Mais tarde êle iria realizar seu ideal de vir para a terra do Cruzeiro, com a diferença que seu trabalho seria muito mais glorioso que o de criador de cavalos e bois.

Quando se aproximava o Natal de 1889 a saudade do lar começou a torturar o coração do jovem "cow-boy" errante. Para completar a obra da saudade chegou uma carta paterna convidando-o a comemorar com a família a festa tradicional. Nelson retomou, pois, o caminho de Kansas. Passado o Natal seu pai insistiu com êle para que o ajudasse no trabalho de uma nova fazenda que adquirira. As grandes planícies e as correrias a cavalo foram esquecidas por algum tempo.

Depois de um verão particularmente trabalhoso houve um esfôrço de avivamento na igreja. Eurico de há muito que se havia afastado do evangelho, mas o movimento da igreja o impressionou e êle se pôs de novo a ler a Bíblia desejando encontrar nela a vontade do Senhor a seu respeito. Através dessa leitura o Senhor lhe falou e êle voltou resolutamente para a igreja. Reconciliou-se e desde logo, com seu entusiasmo característico, foi tratando de fazer alguma coisa para Cristo, como que tentando ressarcir o tempo perdido.

Certa manhã, ao acordar, pareceu-lhe que ouvia um homem a lhe falar, dizendo as mesmas palavras de Deus a Abraão: "Sai de tua terra para a terra que eu te mostrarei". As palavras pareciam-lhe claras como se de fato um homem as tivesse pronunciado. Todavia Nelson não lhes deu muita atenção. Levantou-se e foi para a refeição matinal. A família tôda estava reunida em tôrno à mesa. Terminada a refeição, de acôrdo com o costume, André Nelson abriu a Bíblia para ler. Todos prestavam atenção reverente. E André principiou a ler, justamente em Gênesis 12, as mesmas palavras que Eurico ouvira ao levantar. A impressão produzida no espírito do rapaz foi grande. Não disse palavra a ninguém mas escreveu a um seu irmão que morava no Colorado dizendo-lhe que se sentia chamado para o serviço de Deus, mas não podia deixar seu pai arcando sòzinho com as responsabilidades e o trabalho da nova fazenda. Convidava seu irmão a orar sôbre o assunto e, caso concordasse, a vir para a fazenda enquanto êle, Eurico, se dedicaria à pregação. João Nelson recebeu a carta de seu irmão de manhã. Lendo-a, pensou consigo mesmo: "Não vou. Estou muito bem aqui e não me interessa sair." Entretanto, antes das quatro horas da tarde, as coisas no rancho haviam mudado de tal maneira que êle não podia permanecer mais ali, ainda mesmo que quisesse. João viu que estava ainda em tempo de tomar o trem e asim embarcou e foi levar em pessoa sua resposta a Eurico. Ao terminarem os trabalhos do verão no campo, em setembro de 1890, Eurico Nelson pregou em lingua sueca seu primeiro sermão. Foi na igreja que seu pai dirigia em Chanute, Kansas. Começou então a pregar em diversos lugares, sempre que tinha oportunidade. Nunca dependeu de nenhuma igreja para sustentar-se. Também não solicitava ofertas, limitando-se a aceitar, agradecido, aquilo que lhe

davam. Confiava que o Senhor não iria desamparar seu servo que Êle tão claramente havia chamado para a obra da pregação. Foi por essa confiança absoluta no Senhor que êle se animou a vir para o Brasil mais tarde, sem nenhuma perspectiva de auxílio.

Numa dessas viagens Nelson foi encontrar uma colônia de emigrados suecos que eram também batistas. Tinham uma igreja, mas não tinham pregador. Foi nessa igreja que êle encontrou pela primeira vez certa moça chamada Ida Lundberg. Ela viria a ser a companheira dedicada e pronta que partilharia com êle as alegrias e as lutas do trabalho na Amazônia.

Por êsse tempo leu Nelson, num jornal batista sueco publicado em Chicago, uma carta do dr. W. B. Bagby, o grande pioneiro do trabalho batista no Brasil. Bagby estava no Brasil há oito anos e na sua carta dava notícias do país e do trabalho que nêle efetuava. Dizia que o Brasil tinha-se tornado uma república e era agora um campo aberto para a pregação do evangelho. A velha idéia de vir para o Brasil se apossou de novo do espírito de Nelson. Arranjou um mapa e sôbre êle debruçado começou a estudar, com um fervor apaixonado, os rios e vales do Amazonas. Para o Amazonas havia pensado em ir, nos dias em que esteve longe de Cristo, afim de ganhar dinheiro; para o Amazonas pensava agora de novo em ir, mas atendendo à vontade de Cristo, para ganhar almas.

Continuou a trabalhar ativamente na pregação mas nada lhe tirava da mente a idéia de vir para o Brasil. O Brasil o chamava e tôdas as suas fibras lhe diziam que atendesse ao apêlo. Falou com seus pais manifestando-lhes seus propósitos. Sua mãe, temendo uma nova separação que, talvez, fôsse definitiva, procurou demovê-lo:

— Por que ir para tão longe, meu filho? Então você não pode pregar por aqui mesmo onde há tanta gente?

Mas seu pai comentou com simplicidade:

— Êsse assunto deve ser resolvido entre você e Deus.

Nelson assim resolveu. Sentia-se entretanto, fracamente preparado para aquela obra que sentia ser gigantesca. Precisava estudar, pensava êle. Era forçoso preparar-se devidamente. Que podia êle realizar tendo feito apenas um modesto curso primário e dispondo sòmente de alguns conhecimentos práticos que a vida nos ranchos e na estrada de ferro lhe dera, para não falar das experiências ainda muito recentes nas lides da pregação? Preocupado com essas idéias Nelson foi à Universidade Batista de Ottawa, no Estado de Kansas e apresentou-se ao professor Ward. Expôs-lhe com calor e convicção seus ideais e a necessidade que sentia de aprender mais alguma coisa. O professor Ward examinou detidamente os conhecimentos do jovem pregador e, finalmente, lhe disse:

— Você precisa estudar, pelo menos uns oito anos, afim de se preparar bem para êsse trabalho.

— Mas tenho que gastar de fato oito anos aqui? perguntou o moço, desconsoladamente.

— Sim senhor. E olhe que é o mínimo.

— Mas tenho que ficar todo êsse tempo aí dentro dessa casa?

— Exatamente. E' o que você precisa para completar sua educação.

Nelson olhou mais uma vez os edifícios da Universidade, mergulhou a vista nos longos corredores escuros, caminhou com o olhar para as grandes salas e as altas paredes brancas, imaginou aquêles longuíssimos oito anos que ali teria de passar, êle que já tinha vinte e sete, e por fim decidiu-se:

— Olhe aqui professor: para lhe falar com franqueza, essa vida me mataria. Eu não posso ficar prêso todo êsse tempo entre essas paredes. Agradeço-lhe o interêsse mas não posso ficar não. Até logo.

Mas êle continuava com a idéia de que se devia preparar melhor. Vendo que a Universidade não lhe servia buscou outro recurso. Escreveu para o dr. A. J. Gordon, de Boston, o autor dêsse livro tão conhecido denominado "Como Cristo veio à Igreja". O dr. Gordon mantinha uma escola de treinamento cujo curso durava apenas três meses. Nelson pensou em fazer êsse curso. Antes mesmo de receber resposta do dr. Gordon, com a decisão de sempre, Nelson arrumou sua resumida bagagem, escreveu outra carta dizendo que estaria em Boston em 1º. de outubro de 1891 e partiu pregando através dos estados de Kansas, Missouri, Illinois e Indiana. Na maior parte das vêzes pregava aos suecos e em língua sueca. Passando por Indiana arranjou trabalho numa fazenda e pregava aos batistas suecos do lugar. Foi aí que lhe chegou às mãos uma carta do dr. Gordon explicando que o curso era agora de dois anos. Sugeria-lhe o ilustre pregador que se Nelson achasse muito longo o tempo fôsse estudar no Instituto de Moody, em Chicago. Nelson não aceitou essa sugestão. Nas suas novas autobiográficas lemos a razão: "Eu era e sou batista por convicção e não aprovava as idéias de Moody, embora soubesse que a escola de Gordon era também interdenominacional."

Voltou então para Kansas. Aí, quando assistia ao casamento de um pastor amigo, encontrou pela segunda vez Ida Lundberg. Ela estava trabalhando num Instituto para índios. Nelson falou-lhe de seu plano de embarcar para o Brasil. Falou por alto. Não queria que a moça se prendesse com promessas. Disse-lhe que pretendia embarcar para o Brasil e lá passaria dois anos aprendendo a língua. Arranjaria algum trabalho durante êsse tempo, porque não pretendia solicitar auxílio de ninguém.

Depois voltou para casa e revelou à família que ia partir para o Brasil. Encontrou naturalmente, alguma oposição. Os seus não podiam compreender que lhe tivesse vindo essa

idéia de abandonar tudo e ir para tão longe, para um país completamente estranho, onde não tinha nenhum conhecimento e de que só possuia vagas informações. Mas Nelson já tinha resolvido. Estava convicto de que o Senhor o chamava para o Brasil. Nada lhe podia tirar da cabeça essa convicção. Nem os rogos maternos, nem os argumentos dos amigos. Nem mesmo a possibilidade de perder aquela que já conquistara seu coração. Primeiro êle cumpriria a vontade de Cristo. Nada podia demovê-lo.

Assim, em outubro de 1891, em lugar de ir para Boston estudar com o dr. Gordon, Nelson despediu-se de casa a caminho das terras do Brasil.

O fato de vir Nelson para o Brasil e aqui efetuar tão extraordinário trabalho, dispondo de tão pequeno preparo escolar levará talvez alguém a supor que não precisa estudar muito para se dedicar à pregação. Que tal não aconteça. Deus às vêzes chama homens como Nelson. Mas êsses homens são exceções. A inteligência de Nelson era singularmente vivia e êle apreendia com admirável facilidade as coisas; sua inteligência de eleição supria as falhas provenientes da ausência de estudos em escolas. Era de fato um tipo excepcional. Mas ao se julgar alguém uma exceção como êle, tome cuidado: não esteja o orgulho humano a obscurecer-lhe o entendimento.

CAPÍTULO IV

O ÁRDUO COMÊÇO DE UM TRABALHO GLORIOSO

E' oportuno repetir que, no seu desejo insopitável de pregar o evangelho no Brasil, Eurico Nelson não contava com nenhum auxílio humano. Não tinha sido ainda consagrado ao ministério e por isso também não esperava remuneração de alguma igreja. Mas decidira partir e nada neste mundo seria capaz de demovê-lo. Um dos traços distintivos de seu caráter, desde a infância, segundo o testemunho de seu irmão Carlos, era a firmeza de seus propósitos e a pertinácia com que os levava a têrmo. Era um "homem de uma só peça", dêsses que só dizem "sim, sim — não, não". Aliás já tivemos oportunidade de falar sôbre êsse característico de Nelson, no capítulo anterior.

Assim, deixando sua casa, foi primeiro para Galveston, no Estado de Texas e daí para Nova York, com o fim de embarcar para o Brasil. Em Galveston houve um incidente interessante e bem sugestivo. Nelson foi aos escritórios da Companhia de Navegação solicitar uma passagem para Nova York com o abatimento que a Companhia costumava dar aos ministros. Declarou honestamente ao funcionário que o atendeu que não era ainda ordenado, mas que ia para o Brasil como missionário.

O homem perguntou:

— Mas que prova o snr. fornece do que está dizendo?

E Nelson incisivamente:

— Olhe para o meu rosto.

Foi o bastante: a Companhia forneceu-lhe a passagem com o abatimento solicitado.

Em Nova York, enquanto esperava a chegada do vapor, encontrou um inglês que tinha morado algum tempo no Maranhão. Êste sugeriu a Nelson que fôsse para o Maranhão visto que no Pará grassava a febre amarela. Mas os planos de Nelson já estavam traçados e êle nunca recuou por causa de informações dessa natureza.

Enquanto esperava em Nova York seus recursos se esgotaram. Já não tinha com que pagar a passagem para o Pará. Mas um dia, passando pelo correio, encontrou lá uma carta de seu pai com vinte dólares. Seu pai lhe dizia que em Nova York o frio era muito forte e por isso lhe enviava aquêle dinheiro para que êle comprasse um sobretudo. Nelson foi logo comprar uma passagem de 3ª. classe para Belém, dizendo com seus botões:

— Vou para o Brasil onde não preciso de sobretudo.

Assim quando chegou ao Pará tinha ainda 16 dólares no bôlso.

O navio em que viajou chamava-se "Esperança". Na sexta-feira, 19 de novembro de 1891, o "Esperança" fundeou em Belém. Nelson desceu e foi-se hospedar num hotel. Chegava ao Brasil em plena festa de Nossa Senhora de Nazaré. Era esta, como é ainda, a festa católica por excelência da cidade, comparável à da Penha no Rio de Janeiro. Desenfreava, de quando em quando, em vasta pagodeira carnavalesca. Numa grande sala estavam expostos braços, pernas e pés de cera, vendidos a bom preço pelos solertes exploradores da crendice popular. Êsses pedaços de cera eram as provas dos "milagres" operados pela "santa" festejada e constituiam o pagamento de promessas feitas a ela. Foi assim um pouco rude o primeiro contacto de Nelson com a idolatria romanista. Nesse mesmo dia, 19 de novembro 1891, comemorava-se o 2º. aniversário da criação da nova bandeira brasileira onde figurava a divisa "Ordem e Progresso"...

No sábado de manhã, dia 20, Nelson foi procurar emprêgo na Companhia de Vapores do Rio Amazonas. Êle ti-

nha habilitações para qualquer espécie de serviço e prometeram-lhe arranjar algo, logo que houvesse vaga. Nesse mesmo sábado êle conversou com diversos capitães de navios surtos no pôrto e êles o convidaram para pregar a bordo no domingo.

O que o inglês de Nova York havia dito era verdade: a febre amarela grassava no Pará com extraordinária virulência, vitimando o povo e os marinheiros que chegavam à cidade. Indo pregar a bordo Nelson veio a saber que muitos marinheiros estavam hospitalizados na cidade. Tratou logo de visitá-los. Durante a semana prestava assistência espiritual aos marinheiros atacados de febre amarela e aos domingos pregava nos navios. Dessa maneira começou Nelson a sua missão apostolar, arriscando diàriamente a vida em contacto com os doentes. Deus o manteve imune de contágio pois que o reservava para grandes e magníficas tarefas.

Embora completamente desprovido de recursos, no seu afã de servir os marinheiros enfermos, Nelson alugou uma casa e nela abrigava aquêles que convalesciam da febre e aguardavam oportunidade para embarcar de novo. Isso era seguir realmente o exemplo do Bom Samaritano. Nelson morava na mesma casa e cuidava, com paternal carinho, de seus hóspedes doentes.

Havia em Belém, por essa época, um missionário metodista, o dr. Justus H. Nelson. Êste, que era médico, tinha vindo em companhia de outros missionários em 1885, com o bispo metodista William Taylor, afim de estabelecer trabalho na Amazônia. Julgavam êles que se poderiam manter dando aulas de inglês. Começaram com animação a emprêsa em Belém e em Manaus, mas dentro em pouco alguns morreram de febre amarela, outros abandonaram o campo e Justus H. Nelson ficou só com sua espôsa. Lutou quarenta anos em Belém sem conseguir estabelecer trabalho sólido. Isso



Grupo formado pela Missão do Norte, em dezembro de 1915, tendo Nelson como presidente. Da direita para a esquerda, sentados: E. A. Nelson, Mrs. Jonhson, Mrs. Kate White, Mrs. Lulu Terry, Mrs. Graça Taylor e Mrs. Alyna Muirhead. Na mesma ordem, de pé: H. H. Muirhead, L. L. Johnson, W. C. Taylor, A. J. Terry e M. G. White.



Grupo formado pelos obreiros da Amazônia, por ocasião da Convenção do Vale do Amazonas efetuada em 1928, vendo-se Nelson sentado, o primeiro a contar da direita.

prova o quanto era difícil o campo que Eurico Nelson escolheu.

Dentro em pouco Nelson percebeu que não era conveniente continuar o trabalho sòzinho. Dadas as circunstâncias locais era lícito aplicar-lhe o "Ai do que está só" do Eclesiastes. Escreveu, pois, para a jovem que deixara lá num Instituto de Indios, no Estado de Kansas. Expôs-lhe a situação em que estava, as dificuldades mas também as perspectivas promissoras do trabalho e perguntou-lhe se estava disposta a unir-se a êle naquela grande obra. E ela, com uma determinação igual à do companheiro que escolhera, largou tudo e embarcou para o Brasil. Chegou ao Pará em 7 de janeiro de 1893. Viajara sòzinha, confiante em Deus e animada pelo seu grande amor e pela esperança de realizar ao lado do escolhido de seu coração um grande trabalho sob as bênçãos divinas. Não foi possível arranjar um hotel para a moça e decidiram então realizar a cerimônia matrimonial no mesmo dia em que Ida chegou. Deveria celebrar a cerimônia o pastor metodista mas êste estava na cadeia por causa de um panfleto provocador contra a igreja católica que êle havia escrito e que, repetindo o gesto famoso de Lutero em Wittenberg, havia afixado na porta da catedral, desafiando o bispo. Assim quem celebrou o casamento foi o cônsul americano e seis cônsules de difetes nações serviram de testemunhas. Um "lord" irlandês de nome Ivo Robinson, que se hospedara em casa de Nelson foi o padrinho da noiva. Terminado o ato, o cônsul americano perguntou ao noivo se precisava de alguma coisa. Nelson respondeu que estava a nenhum e necessitava de cincoenta mil réis... Depois os noivos, Robinson, o cônsul e sua espôsa seguiram para um restaurante afim de cear. Quando saíram desabou um aguaceiro tão forte que os carros na rua tiveram de parar e os componentes do grupo chegaram ao restaurante literalmente encharcados. Como os três hóspedes começassem a pedir bebidas que fôssem um pouco mais fortes que

café, Nelson tratou logo de pagar a conta e, como a chuva tivesse parado, deixou os companheiros na mesa, chamou um carro e rumou com a jovem espôsa para casa. A festa custou 27 mil réis... No dia seguinte estavam ambos a bordo para o culto. Ida viera mesmo disposta a ajudar o marido em tudo e a arrostar com êle tôdas as provações.

Certo capitão canadense havia dado ao missionário um barquinho de presente. Nesse barco, com Nelson nos remos, ía o casal todos os domingos a bordo. Por causa da baixamar os navios ancoravam a duas ou três milhares da costa. Mas durante seis anos Nelson só ou com sua espôsa não perdeu um domingo de trabalho a bordo.

Logo depois do casamento Ida caiu de cama com febre. O dr. Ayers, cônsul americano, o mesmo que os casara, e que era também médico, tratou dela sem nada cobrar. Logo que ficou boa ela teve com seu marido uma experiência interessante e impressionante. Foi o caso que uma jovem norueguesa, que estava se preparando para ser enfermeira e depois médica, chegou a Belém, em companhia de seu pai. Estava descansando dos estudos e teve oportunidade de ouvir num domingo, a bordo, a pregação de Nelson. Na segunda-feira o pai da jovem foi pedir encarecidamente a Ida que fôsse fazer companhia à sua filha que havia sido atacada pela febre e estava internada no Hospital São Francisco, onde só havia enfermeiros homens. A mãe da jovem enfêrma havia morrido anos atrás e pai resolvera cuidar pessoalmente da educação da filha, libertando-a de tôda "superstição" religiosa. Para êle céu, inferno, vida futura, religião, eram bobagens, meras palavras completamente destituidas de significado. A vida presente devia ser bem gozada porque não havia outra. Assim ensinara à filha e, justamente com o intuito de gozar bem a vida, levara-a naquela viagem. Agora ela estava naquele hospital de parcos recursos, em terra estrangei-

ra, prostrada pela febre amarela. Nelson indo, em companhia de sua espôsa, visitar a moça, viu logo que ela estava perdida. Disse isso francamente ao pai. Êste, então, desesperado, pediu à filha, que lembrasse do que sua mãe lhe havia ensinado sôbre religião.

— Lembre-se, minha filha. Ouça o que lhe dizem êstes bons missionários. Você está muito mal.

— Mas, papai, disse ela, angustiada. O senhor sempre me ensinou que não há céu, nem inferno e agora que estou para morrer o senhor me pede que lembre do que minha mãe me dizia?

— Esqueça-se de mim, minha filha, respondeu o pobre homem. Esqueça-se de mim e ouça os missionários.

Mas a jovem se voltou para o canto soluçando.

— Assim isto é o fim, dizia ela. Planejei tantas coisas, queria uma vida de riqueza e utilidade como médica e agora estou no fim.

A cena era lancinante. Nelson e Ida procuravam falar da salvação de Jesus Cristo. Mas a moça replicou:

— Para que? Estou morrendo e mesmo que fôsse para o céu, minha vida e sua utilidade estão para sempre perdidas.

Os dois missionários mostraram então àquela alma em pânico o que era o céu. Nêle ela descansaria das provações dêste mundo, mas exerceria eterna atividade. Reinaria com Cristo e reinar significava atividade, ocupação, utilidade e não ociosidade.

Finalmente a jovem creu e agradeceu comovidamente aos missionários os cuidados que tinham tido e as suas palavras consoladoras. Seu pai, então, aproximou-se e ela lhe disse:

— Papai, que irei dizer a mamãe quando a encontrar?

— Diga-lhe, minha filha, que daqui a pouco irei também ao encontro dela.

Passou-se mais um instante e em palavras debilmente sussurradas a moça se despediu do mundo:

— Irmão e irmã Nelson, adeus e muito obrigado. Adeus, papai, quero ver o senhor lá.

E cerrou os olhos.

Passado algum tempo, depois dessa experiência, Nelson começou a vender Bíblias nas ruas. Estas lhe eram enviadas pela Sociedade Bíblica Americana. Vendendo Bíblias êle se foi adextrando cada vez mais no uso da língua, além de ser protagonista de episódios interessantíssimos. Vendia cada exemplar a 10 tostões. Havia livrarias que compravam dêle na rua por êsse preço e depois revendiam nos seus balcões a 5 mil réis. Os padres nas igrejas preveniam os fiéis:

— As Bíblias vendidas na rua são falsas, são Bíblias protestantes!

Baseado nessa informação um cavalheiro se recusou a comprar uma Bíblia que Nelson lhe oferecia. Mas depois entrou numa livraria e voltou triunfante:

— As suas Bíblias, por êsse preço, não podiam deixar de ser falsas. Esta sim que é verdadeira. Tanto que custou 5 mil réis.

Uma vez, enquanto um bonde parara, Nelson ofereceu uma Bíblia a um passageiro. A resposta foi ríspida.

— Ora, ninguém lê mais êsse livro hoje, meu caro senhor.

— Pode ser verdade, replicou Nelson prontamente, mas o fato é que vendo bom número dêles diàriamente.

— Quanto custa? perguntou outro passageiro.

— Dez tostões.

— Então dê-me um.

Outros fizeram o mesmo e dai a pouco as dez Bíblias que Nelson trazia consigo tinham sido tôdas vendidas. Finalmente o homem que falara primeiro, tomado de súbito interêsse, resolveu-se:

— Acho que também vou comprar uma.

Mas já era tarde. O estoque acabara. Logo depois o carro seguiu e Nelson nunca mais viu aquêle homem.

O ponto predileto de Nelson para a venda de Bíblias era em frente do Hotel América, à sombra das mangueiras frondosas. Adquiriu um carrinho e levava consigo seu primogênito, Ivo Amazonas. Ivo era um garoto vivo, de pele muito alvo e que herdara os lindos olhos negros de sua mãe. Ficava no carrinho, cercado de meia duzia de Bíblia e também Novos Testamentos e evangelhos. Os transeuntes viam o garoto que lhes sorria amistosamente e paravam para brincar com êle. Depois, vendo os livros, compravam-nos. Ivo Amazonas Nelson, que hoje é médico competente no Estado norte-americano de Oklahoma, começou a trabalhar cedo para o evangelho.

Logo Nelson se tornou figura conhecida e popular na cidade e ninguém se dispunha a alugar-lhe casa em que houvesse sala bastante grande para a pregação. Que fêz êle então? alugou uma loja para montar uma livraria, e "fins literários", pagou duzentos mil réis de licença anual para início do negócio e arranjou um balcão provido de rodas. A casa tinha apenas a loja, um quarto sem janelas, e cozinha. O balcão estava atulhado de Bíblias e outros livros. Enquanto Nelson vendia Bíblias na rua, sua espôsa vendi-as na loja. À noite o balcão era rodado para o quarto e apareciam bancos toscos, feitos dos caixotes de Bíblias. O salão estava preparado e Nelson podia começar a pregar. Os "fins literários" eram a pregação do evangelho, comenta com bom humor D. Ida Nelson nas suas notas autobiográficas. O primeiro culto em português foi ali celebrado em 9 de junho de 1895. A casa ficava perto da Faculdade de Medicina e os estudantes entenderam de atrapalhar as pregações. E' tão forte o espírito de intolerância do catolicismo que mesmo na alma generosa da mocidade êle vai encontrar abrigo. Começaram, pois, os acadêmicos a fazer algazarra diante da casa mas a voz de

Nelson quanto maior era o barulho, mais se alteava. Desanimados nesse primeiro esfôrço foram os rapazes buscar latas vazias de querozene e voltaram fazendo um ruido ensurdecedor. Mas Nelson aceitou o novo desafio e foi aumentando a sua voz a tal ponto que os estudantes, apesar do batuque, podiam ouvir a mensagem do evangelho. O estranho combate durou várias noites até que, por fim, os estudantes desistiram. Explica o veterano Tomaz Costa que foi assim que Nelson adquiriu aquela "voz de trovão" tão admirada por seus contemporâneos. Quando pregava sua mensagem era ouvida a grandes distâncias e daí a frase famosa de um grande batista norte-americano que, ouvindo Nelson pregar disse: "Se puséssemos Nelson no píncaro mais alto dos Andes tôda a América Latina seria evangelizada!"

Depois de arranjada a casa Nelson, sem descontinuar o trabalho aos domingos de manhã a bordo, começou a pregar na loja em tôdas as noites da semana. Todavia o seu português, ainda excessivamente atrapalhado, não atraia muita gente. Podia vencer com o poder de sua voz a barulhada intolerante dos estudantes mas não animava com sua linguagem muita gente a entrar. Tratou então de arranjar um violino que êle arranhava quase que tanto como arranhava a língua. Nunca tinha tocado violino na vida... Ida Nelson, por sua vez, dedilhava um violão. Era quase uma orquestra... Mas ao som das melodias estranhas tocadas por aquêle estranho "duo" o povo se ia reunindo, entre espantado e curioso. Quando via a casa cheia Nelson abria a Bíblia e principiava a ler solenemente um capítulo; o silêncio profundo que reinava na sala lhe dava idéia de uma excelente atenção dos ouvintes; quando levantava os olhos já não havia viva alma na sala fora sua espôsa e o primogênito... Ida punha então o garoto no soalho e pegava de novo o violão. Nelson resolveu, pois, intercalar a pregação com a música: tocava um hino, falava um pouco; tocava outra vez, falava de novo e assim por diante. Dessa maneira foi-lhe possível realizar os cultos.

Fazia o que fazem as mães ou amas de certas crianças caprichosas que recusam as comidas. Mas se entre uma colherada e outra fôr intercalada uma brincadeira qualquer são capazes de comer um prato cheio de papa ou de mingau... O povo ignorante, obscurecido pelo catolicismo, procede de fato como crianças caprichosas às quais é preciso oferecer o alimento que dá vida e saúde mediante cuidados e artifícios especiais.

Nós nos sentimos divertidos ao ler essas peripécias por que teve de passar Nelson no início de seu trabalho. Não deixa de ser de fato divertido imaginar aquêle rapagão louro, de grandes bigodes, passando desajeitadamente o arco pelas cordas desafinadas do violino e logo a seguir, mais desajeitadamente ainda, procurando fazer-se compreendido na língua dos raros ouvintes. Mas o nosso sentimento se transmuda em profunda admiração e respeitoso carinho quando pensamos que foi o amor às almas perdidas da terra brasileira que levou Nelson a se abalançar dos Estados Unidos, onde podia gozar de situação vantajosa, para vir ao Pará arrostar provações e zombarias, perseguições e críticas, sem um instante de desânimo. Um herói autêntico, um verdadeiro missionário que pode ser colocado na gloriosa galeria dos Paton, dos Carey, dos Judson.

E que heroína também aquela jovem ali ao seu lado, delicada e frágil, com um violão pousado ao colo e cheia de ânsias no coração. Com que intensa emoção e com que suave ternura acompanha ela os esforços do marido para expor naquela língua esquisita e difícil a palavra da verdade. E que vazio sente na alma quando vê que o povo se levanta e não quer saber da mensagem. Um nó amargo lhe aperta a garganta, lágrimas ardentes lhe brotam nos cantos dos olhos. Mas não faz mal: amanhã irão recomeçar e o Senhor há de ajudá-los. Aquêle grande e bom Erik não irá desanimar. Ela o ajudará com o seu estímulo, o seu amor, a sua coragem, as suas orações.

CAPÍTULO V

O TRABALHO SE CONSOLIDA

Apesar de tôdas as dificuldades Nelson prosseguia na faina. Certo dia estalou um conflito bem em frente ao salão de cultos. Nelson foi a rua para apartar os contendores e, com dificuldade, levando algumas sobras dos sopapos trocados, conseguiu acalmar os ânimos. Daí a pouco dois policiais a cavalo apareceram na casa e vieram perguntar ao missionário se êle tinha licença do bispo para pregar. Nelson ainda quis argumentar dizendo que estava em país livre, etc. Mas os policiais interromperam-no rudemente:

— Você está preso. Vamos para a cadeia.

— Então dêem-me licença para ir buscar o chapéu, disse Nelson.

— Cachorro não usa chapéu, retrucaram os dois mantenedores da lei. E ameaçando violências foram levando Nelson.

Ida não se intimidou. Correu ao quarto, apanhou o chapéu, depois saiu para a rua e o pôs na cabeça de seu marido, indo a seguir providenciar sua libertação.

Nelson foi jogado na cadeia em companhia de alguns desordeiros. Seus amigos, postos em ação por Ida, procuraram falar ao Chefe de Polícia que nada sabia do caso. Ida foi ao cônsul americano levando o pequeno Ivo consigo. Do consulado foi à prisão onde já havia chegado a ordem para por o pregador em liberdade. Quando se abriram as portas da cela, Ivo abraçou-se com seu pai e não o largou enquanto não chegaram em casa. Daí por diante, tôdas as vêzes que

ouvia o barulho das patas dos cavalos da polícia, o pequeno se abraçava ao pai gritando: Papai! Papai! Assim como cedo começara o trabalho, Ivo Amazonas tmbém cedo começou a sofrer pelo evangelho.

Enquanto Nelson e sua espôsa lutavam na improvisada sala de pregações, chegou de Maceió uma família de crentes batistas, cujo chefe era o irmão Pedro Rocha. Eram seis pessoas dispostas que vinham unir suas fôrças às do jovem casal.

Outras dificuldades, entretanto, ameaçavam o trabalho nascente. Agora eram aperturas financeiras. Não havia com que pagar o aluguel da casa. Nelson então teve uma idéia: escreveu a seu pai propondo-lhe a cessão de sua parte na fazenda, em troca de certa soma em dinheiro. Logo depois veio a importância pedida e tôdas as dívidas foram pagas. Daí por diante Nelson nunca mais ficou devendo coisa alguma no seu trabalho. Tomou mesmo a resolução verdadeiramente exemplar de nada dever a ninguém senão o amor.

Essas dificuldades econômicas perturbaram grandemente o espírito de Nelson. Trouxeram-lhe momentos de angústia e inquietação. Foi aí que a influência de Ida se fêz sentir. E' situação grave aquela em que o obreiro do Senhor fica em dúvida sôbre se está fazendo ou não, serviço da vontade divina. Foi nesse estado de expectação que as orações, o estímulo e o exemplo de Ida Nelson concorreram para firmar ainda mais o marido no pôsto de luta em que se viera colocar.

Mas logo depois surgiu outra crise. Há anos que estavam trabalhando ali, pensavam êles, e não havia conversões. Se o Senhor abençoava e aprovava o trabalho, como é então que ninguém se entregava a Cristo, apesar de tão constantes e fervorosas pregações, precedidas e acompanhadas de súplicas ainda mais constantes e fervorosas?

Os dois jovens, todavia, redobravam suas orações. E por meio da oração veio a luz divina dissolver-lhes as perplexidades. Que inquietação era essa que os dominava? Não tinham sido chamados pelo Senhor para aquela obra? Não estavam realizando o trabalho? Que mais desejavam? Não cabia ao pregador ver os resultados, mas anunciar o evangelho e viver um vida digna. O resto competia a Cristo.

Eram crises naturais nesse trabalho difícil. Mas para vencê-las era necessário uma têmpera especial que, felizmente, não faltava a Nelson e sua companheira. Adoniram Judson também não esperou seis anos para ver seu primeiro convertido na Birmânia?

Por êsse tempo, 1896, após cinco anos de provações e privações, os missionários Bagby e J. J. Taylor escreveram ao casal Nelson convidando-os a trabalhar no Estado de Minas Gerais. Segundo o convite deveriam tomar conta do trabalho recentemente organizado e grandemente futuroso, bem como vender Bíblias. A passagem e um bom salário eram garantidos. O convite de Bagby nem chegou a constituir uma tentação para os Nelson. Ida leu a carta que lhe mostrava o marido e fêz êste comentário simples: "Creio que êsse assunto de campo de trabalho já está resolvido há muito tempo". Nelson estava plenamente de acôrdo e o convite foi recusado.

Em lugar de uma carta de assentimento ao missionário Bagby o que êle fêz foi enviar outra a Salomão Ginsburg convidando-o a ir de Recife a Belém afim de ajudar na organização da igreja.

Salomão chegou a Belém em janeiro de 1897. Já havia elementos para a organização da igreja pois, além dos dois missionários e da família Rocha, tinha vindo um grupo que abandonara Justus H. Nelson depois de ter estudado a questão do batismo. Salomão Ginsburg teve assim a oportunidade de batizar os primeiros convertidos. Eram cinco pessoas que foram batizadas no pôrto de São João, arrabalde de Belém, no mesmo dia em que se organizou a igreja, 2 de fevereiro de 1897, cinco anos e três meses após o desembarque de Eurico Nelson. Os candidatos batizados foram D. Maria Bastos, suas duas filhas, Donas Margarida e Vitalina, Dna. Dulcina de Alencar e o snr. Manoel Evangelista da Silva. Êste era maranhense e convertera-se no meio dos presbiterianos, mas lendo sua Bíblia convenceu-se de que os batistas estavam certos em sua posição acêrca do batismo. A história de Dna. Maria Bastos também é interessante: ela conhecia a Bíblia porque tinha ouvido muitas vêzes sua leitura feita por seu pai. Êste, estando no Rio de Janeiro, assistiu certa vez a uma queima de Bíblias, promovida pelos padres, com grande aparato, em praça pública. Êle se aproximou da fogueira e conseguiu salvar um exemplar que levou consigo. Começando a ler o livro viu que dizia a verdade e tomou-o como seu guia espiritual na vida, embora nunca tivesse ouvido uma pregação. Sua filha ouvia-o ler algumas passagens e, mais tarde, assistindo à pregação de Nelson, lembrou-se do livro de seu pai e converteu-se.

A igreja foi assim organizada com os cinco recém-batizados, o casal Nelson e a família Rocha. Na primeira sessão efetuada Nelson foi eleito pastor e o irmão Manoel Evangelista foi escolhido para o diaconato.

Nelson então seguiu para o Recife afim de ser consagrado ao ministério. O Concílio examinador era composto dos pastores Salomão Ginsburg, W. E. Entzminger e Melo Lins. A consagração foi realizada em 2 de março de 1897 tendo o

missionário Ginsburg pregado o sermão oficial. Nessa ocasião Salomão se comprometeu a conseguir da Missão um auxílio de cincoenta mil réis mensais para o trabalho no Pará... Até êsse tempo o casal se tinha sustentado vendendo Bíblias, cuidando dos doentes e pregando a bordo. Além disso Ida Nelson ganhava alguma coisa costurando.

Já não havia mais motivo para temores e inquietações quanto ao trabalho. O Senhor o abençoava claramente. A vida não era fácil, tanto mais que dois filhos já haviam nascido, mas as alegrias eram tantas e a satisfação de estar cumprindo a vontade de Deus era tão grande que compensava quaisquer provas. Na igreja lá estavam os filhos na fé, decididos e animosos, prontos para concorrerem com seu esfôrço para a vitória da causa; em casa, aquelas duas crianças, loiras e vivas, brasileirinhos legítimos de Belém do Pará. O Senhor era bom. Que alegria lutar no seu trabalho.

CAPÍTULO VI

O APÊLO DO GRANDE RIO

A situação em Belém não era de muitas larguezas mas já se podia dizer que a obra estava consolidada. Firmara fortemente os seus fundamentos e agora iria se desenvolver Além do mais havia um auxílio prometido pela Junta de Missões dos Batistas do Sul dos Estados Unidos.

Embora mal podendo se manter em Belém Nelson já pensava em ir mais para diante. O grande rio, o Amazonas, o atraia. Era a grande artéria que lhe trazia uma ansiosa mensagem do coração da selva. Era preciso chegar até lá.

Foi justamente nessa ocasião que surgiu no Pará o Rev. Emilio Olson, representando uma sociedade missionária de Nova York, a "Christian Alliance". Êle viu o trabalho, percebeu as suas possibilidades e, testemunhando o arrôjo e a capacidade de Nelson, fêz-lhe uma proposta. Nelson não tinha nenhum compromisso com qualquer Junta; podia, portanto, trabalhar para a "Christian Alliance". Esta lhe daria um salário excelente e, além do mais, lhe forneceria nada mais nem menos que uma lancha para pregar pelo Amazonas a dentro, estabelecendo igrejas nas cidades marginais. Ida Nelson ouviu a proposta cujas vantagens Olson demonstrava com grande veemência. Quando o representante se retirou ela disse ao marido que não achava aquilo muito bom. Não sabia explicar, mas algo lhe dizia que aquela proposta não era boa para ser aceita. Ela, certamente, estava achando que o oferecimento era muito vantajoso. Se tivesse mais conhecimento da língua e do povo poderia dizer: "quando a esmola é muito grande o santo desconfia..." Eram de fato muitas as vantagens ofertadas a êles que vinham trabalhan-

do com dificuldade todos aquêles anos. Com dificuldade mas com alegria. Não tinham ligação com nenhuma Junta mas Salomão Ginsburg havia prometido auxílio de uma Junta batista e aquela "Christian Missionary Alliance" não era batista.

Mas Nelson não se convenceu com os argumentos da espôsa. Êle estava entusiasmado com a perspectiva de ver concretizado seu grande sonho: ter uma lancha a sua disposição para pregar o evangelho no Amazonas, entrar pelos seus grandes afluentes, chegar a Manaus, atingir, quem sabe, aquêle Rio Branco longínquo, para onde pretendera ir nos seus tempos de vaqueiro. Que oportunidade magnifica de desenvolver a obra iniciada.

Finalmente, cedendo ao entusiasmo contagiante do marido, deixando-se embalar também pelo sonho de um trabalho de enormes proporções, Ida concordou. A proposta de Olson foi aceita. Deixaram a livraria para ficar inteiramente à disposição da Aliança e foram morar em companhia de duas viuvas. Estas eram tão pobres como o casal que hospedavam. Não tinham sequer uma cama. Assim Ida, o marido e os filhos, tinham que dormir no assoalho empoeirado. Foram tempos duros mas dos lábios da brava mulher não saiu nenhuma recriminação, nenhuma queixa.

Enquanto aguardavam a chegada do lar flutuante que iriam ganhar, procuraram visitar Manaus. Não tinham dinheiro para a passagem, mas estavam ansiosos para conhecer a cidade que deveria ser o quartel general dos próximos trabalhos. Oraram para que Deus os ajudasse nessa nova dificuldade e um dia, indo ao Consulado Americano, Nelson encontrou uma carta de um comandante em cujo navio havia pregado e junto a carta vinham alguns dólares, poucos mas suficientes para adquirir duas passagens de terceira classe até Manaus. Viajar mesmo de primeira classe naqueles navios de brinquedo já não era coisa cômoda. Imagine-se o que não

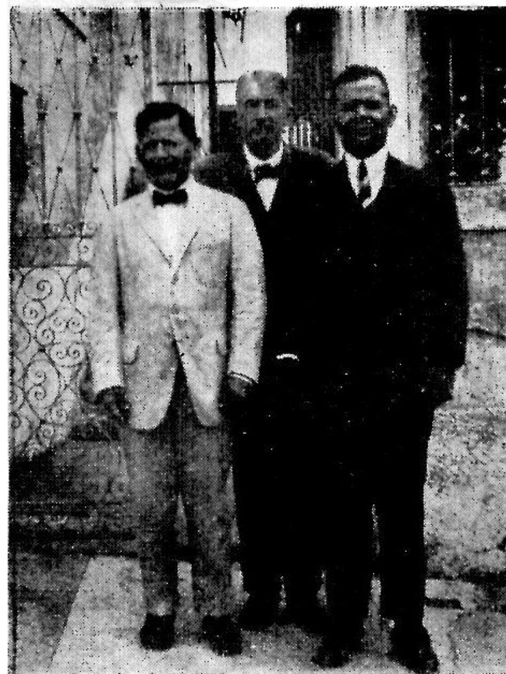
seria a terceira classe. Mas aquêle casal não pesava sacrifícios no desempenho da missão que voluntàriamente tomara. Assim Nelson comprou as passagens e embarcou. Mas a bordo o capitão os reconheceu e fêz questão fechada de levá-los para a primeira classe. Conheceram então um cavalheiro de Manaus e êsse conhecimento foi-lhes muito útil. Em Manaus não havia cais, sendo preciso pagar a um barqueiro para levar os passageiros do navio à terra. Nelson estava a nenhum pois, com a sua fé costumeira na providência divina, empregara todo o seu dinheiro na passagem. O amigo de Manaus fêz questão de pagar-lhes a passagem no barco e, quando em terra, lhes indicou uma pessoa que teria prazer em hospedá-los: o Coronel Manoel Cavalcante de Araujo, homem de grande projeção e respeito na cidade e que tinha especial alegria em conceder aos forasteiros a velha e tradicional hospitalidade brasileira. Nelson, sua espôsa e seu filho mais velho passaram quinze dias em casa do Coronel Araujo. Nesse tempo teve oportunidade de pregar dezenove vêzes, falando ora na casa do Coronel, ora em outros lugares da cidade. A colheita foi esplêndida: converteu-se a dona da casa, Dona Luizinha de Araujo e mais quatro outras senhoras. Os recém convertidos foram batizados no Rio Negro e com êles se iniciou o trabalho batista em Manaus. Algum tempo mais tarde o Coronel também se decidiu e foi a Belém afim de ser batizado. Vale a pena dizer aqui alguma coisa sôbre êsse grande cooperador de Nelson que foi o Coronel Araujo. Era êle paraibano de nascimento e, apesar do nome português, tinha nas veias uma mistura de sangue holandês e índio. Sendo de ânimo aventuroso e empreendedor cedo foi para o Amazonas entregar-se à faina do cultivo e da venda da borracha. Em Manaus trabalhou por algum tempo na construção da catedral católica, enquanto aguardava oportunidade de embrenhar-se no interior. Quem lhe diria que mais tarde êle haveria de ser um dos principais líderes da construção do templo batista... Em Manaus êle se

casou com Dna. Luiza da Cunha. Depois, varando o mato, foi estabelecer seu lar e seu negócio, em plena floresta. Iniciou uma espécie de armazém em que se abasteciam os seringueiros e, de quando em quando, ia a Manaus afim de adquirir suprimentos. Nessas viagens procurava comprar livros interessantes e os lia em voz alta para sua espôsa que não sabia ler. Ela era de boa família mas a instrução, por êsse tempo, andava muito menos difundida do que agora. Um dia êle deparou, num dos livros que lia, com uma frase que lhe ficou gravada na mente: "A Bíblia é um livro que todo o mundo deveria ler". Decidiu, então, que em sua próxima viagem, haveria de adquirir êsse livro. Assim pensou e assim fêz. Mas não se limitou a comprar um exemplar: comprou uma caixa tôda de Bíblias, deixando boquiaberto o colportor. Comprou a caixa porque, sabendo ser bom o livro, resolveu emprestá-lo aos amigos e vizinhos. Emprestava-os em lugar de presenteá-los, afim de evitar que os padres viessem a destruí-los...

Pela leitura da Bíblia êle se converteu, o mesmo acontecendo a sua espôsa que tratou logo de aprender a ler, afim de poder, por si mesma, entregar-se à leitura do precioso livro.

Mais tarde o Coronel Araujo deixou seu negócio no interior do Estado e seguiu para a capital afim de acompanhar melhor a educação dos filhos. Em Manaus teve contacto com os obreiros metodistas que pretendiam estabelecer trabalho ali, mas não foram bem sucedidos. Logo o Coronel começou a desempenhar altas funções administrativas chegando a ser vice-presidente do Estado, secretário da fazenda e prefeito da cidade.

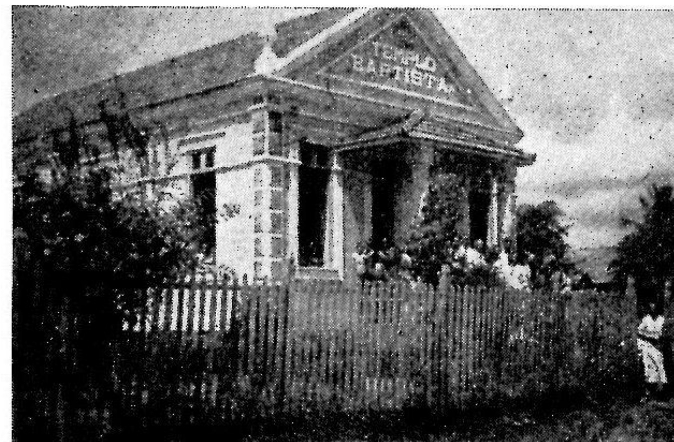
Enquanto estavam em Manaus receberam os Nelson roupas e dinheiro para a viagem de volta. O dinheiro era para comprar passagem de primeira classe mas Nelson pediu permissão para usar parte da quantia no trabalho de Belém e



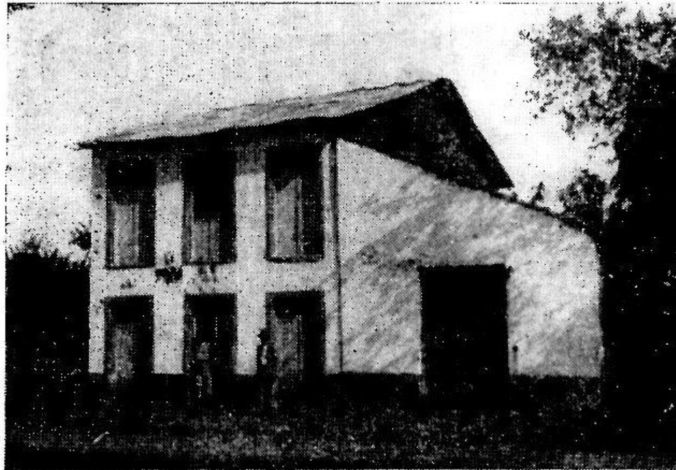
Nelson em companhia de dois bravos colaboradores no trabalho do Amazonas. À direita Emídio B. Alves e a esquerda Manoel Gomes dos Santos.



Nelson em companhia da primeira pessoa que se converteu no seu trabalho de Manaus. Foto de 1935.



Templo da Igreja Batista de Santarém.



Templo da Igreja Batista de Guajará-Mirim.



"Soldados" da borracha no Amazonas.

adquiriu, novamente, passagens de terceira. Mas, novamente também, foram reconhecidos pelo comandante do navio que os levou para a primeira classe.

Chegados que foram a Belém confirmaram-se as previsões de Ida acêrca das propostas de Olson. Aguardava-os lá um documento remetido pela "Christian Missionary Alliance" pelo qual êles se deviam comprometer a não iniciar trabalho batista onde já houvesse trabalho de qualquer outra denominação. Era isso uma exigência absurda, bem característica aliás das empresas interdenominacionais de caráter unionista. Assinar o documento era ver tolhida a liberdade de pregar o evangelho em qualquer lugar. Era impor limites e rumos à vocação do Espírito Santo. Nem era preciso pensar: o contrato foi rasgado imediatamente. Que ficasse lá o Rev. Olson com a sua sociedade, a sua lancha, o seu dinheiro e as suas facilidades. Para um batista aquêle arranjo não servia. Diga-se, a propósito, que Olson também era batista e acabou abandonando a Missão. Muitos anos mais tarde, ao escrever suas notas autobiográficas, lembrando-se do caso, Nelson anotou: "Os Batistas só podem trabalhar quando obedecem a Deus em tudo". Grande verdade essa, que explica o desenvolvivento excepcional de nossa obra no Brasil.

Rasgado o contrato estavam êles outra vez sem nenhuma ajuda externa. Mas que importância tinha isso? Não os ajudava o Senhor? Desvanecera-se o sonho da lancha, mas não se desvaneceu o ideal do trabalho. Belém continuava ali e Manaus lá em baixo, no Rio Negro. E êles também continuavam.

Entrementes, chegava o prometido auxílio da Junta de Richmond, os cincoenta mil réis que Salomão Ginsburg ficara de obter. O trabalho continuou prosperando e um novo obreiro que pregava com entusiasmo invulgar chegou a Belém para

ajudá-los. Chamava-se Almeida Sobrinho e era sapateiro de profissão.

Agora já era possível deixar o trabalho em Belém e voltar ao rio-mar. Era irresistível o apêlo de suas grandes águas tranqüilas. Exerciam uma fascinação contra que era inútil lutar.

Nelson seguiu então para Santarém na embocadura do rio Tapajós. Ali abriram um novo trabalho. Para auxiliar nas despesas Ida fazia e vendia roupas. Nelson vendia Bíblias e tantas vendeu que pôde comprar alguns bancos, principiando também a guardar dinheiro, afim de adquirir mais tarde um lar flutuante. A idéia com que Olson o seduzira não lhe saia da cabeça. Mas esperava vê-la realizada por outros meios, um tanto diferentes dos que propunha a "Christian Missionary Alliance"...

Viajou segunda vez para Manaus e foi-lhe grata satisfação a alegria e o calor com que os crentes o receberam. Dentre êsses o mais entusiasmado era o Coronel Araujo que presenteou os missionários com roupas novas e, quando soube que êles pretendiam ir aos Estados Unidos retemperar as fôrças no convívio dos parentes, fêz questão fechada de auxiliá-los no pagamento das passagens.

Assim foi que, na primavera de 1899, após cêrca de oito anos de trabalho na Amazônia, Nelson voltou, pela primeira vez, aos Estados Unidos. Deixava uma igreja em Belém, a primeira organizada por êle, uma congregação em Manaus, onde se fazia notar a ação e a influência do Coronel Araujo e também um trabalho principiado em Santarém. As três principais cidades da Amazônia já tinham sido atingidas. Os convertidos já se contavam por dezenas. O apóstolo e sua denodada companheira já podiam descansar um pouco no aconchêgo do lar paterno, renovando as energias gastas na luta ingente e árdua. Estava atendido o apêlo e iniciada a conquista do grande rio. Dentro em pouco voltariam para novas e mais arrojadas arremetidas.

CAPÍTULO VII

NO CORAÇÃO DA AMAZÔNIA

Nelson voltou dos Estados Unidos em 1900 e foi-se estabelecer em Manaus. Como tivemos oportunidade de ver no capítulo anterior, sua obra na capital amazonense começou com muito mais facilidade do que em Belém. Após quinze dias de trabalho, cinco conversões representavam resultado magnífico. Nelson voltou, portanto, para lá afim de dar maior incremento à emprêsa tão promissoramente iniciada. Chegou a Manaus em junho e em 5 de outubro de 1900 foi organizada a Primeira Igreja, sendo Nelson eleito pastor e o Coronel Araujo diácono. Eram vinte os membros fundadores. O trabalho podia-se considerar vitorioso. Não havia recanto da cidade que não tivesse ouvido a potente voz de Nelson anunciando as boas novas da salvação.

O auxílio que a Junta de Richmond remetia mal dava para pagar o aluguel da casa de cultos. Nelson arranjava o restante para manter-se vendendo Bíblias na rua. Ida, por sua vez, fazia pães que eram saborosíssimos e atraiam muitos fregueses.

Um dia certo senhor encomendou ao missionário meia dúzia de Bíblias que deveriam ser entregues em determinado lugar. Nelson foi levar a encomenda ao local indicado. Introduziram-no numa sala onde, logo depois, entraram cinco ou seis homens que principiaram a lhe fazer perguntas. Nelson ia respondendo, sem desconfiar de nada, até que, de chofre, um dos homens disse:

— O senhor está numa sessão. Está no meio dos espíritas.

— Posso estar no meio do inferno, mas não deixarei de dizer a verdade, replicou o intrépido pregador.

Daí em diante não teve mais dificuldades com os espíritas.

A posição excepcional que a família do Coronel Araujo desfrutava na cidade, ajudava bastante a igreja na sua missão. Aliás, segundo o testemunho do próprio Nelson, nas suas já citadas notas auto-biográficas, "o povo amazonense, em geral, é tolerante, inteligente e ordeiro".

Acrescente-se a isso o fato de que o bispo da cidade alguns anos antes havia sido pùblicamente chicoteado por causa de sua imoralidade. Dizia o bispo que o povo da cidade era muito incrédulo... Essa "incredulidade", entretanto, favorecia o trabalho evangélico. Quando os homens se desiludem de Roma é tempo propício para anunciar o evangelho puro de Jesus Cristo.

Conversões admiráveis eram testemunhadas pela igreja. Um dos que se converteram nos primeiros anos de trabalho, Hastimphilo Serejo, e que se tornou um dos mais dedicados companheiros de Nelson, escreveu que os sermões do grande missionário "eram cheios de fé e poder espiritual, alimentavam o crente e despertavam o pecador". Era comum ouvir na igreja exclamações como estas:

— A pregação dêste homem toca-me o coração!

— As palavras que êle diz mostram o meu pecado!

Uma das conversões mais interessantes foi a de um "santeiro", o único da cidade, que vendia, sem distinção, "santos" e bebidas... Converteu-se e dizendo a Nelson qual era seu comércio perguntou-lhe se era lícito continuar nêle. Nelson respondeu-lhe que consultasse a Deus e agisse de acôrdo com a vontade divina, conforme esta lhe falasse à consciência. O homem foi para casa e orou. Levantando-se de manhã cedo juntou os seus "santos", derramou sôbre êles o álcool que vendia e pôs fogo em tudo...

Colaborando com o obreiro infatigável, os crentes ofereciam suas casas para a pregação. Assim às terças-feiras à noite elas eram efetuadas na bela residência do Coronel Araujo. Na tarde de domingo em casa de um jovem recém batizado.

Quando não tinha convite de nenhuma casa, as ruas e praças serviam òtimamente para a pregação e Nelson não descansava. Com isso ia abalando os fundamentos católicos da cidade.

Os convertidos se esforçavam também para ganhar seus parentes. Uma jovem, casada de pouco, insistiu tanto com os de sua casa, que êles proibiram-lhe, terminantemente tôda conversa sôbre religião; não podendo ela falar-lhes, começou a escrever-lhes...

Outra, porque manifestou o desejo de assistir aos cultos foi espancada com tanta brutalidade pelo marido que adoeceu e passou três dias de cama. Assim mesmo continuou a pregar a todos quantos vinham visitá-la.

Nelson cuidava também de preparar outros para a pregação. No seu primeiro ano de vida a igreja já contava com dezoito moços. Nelson organizou com êles uma sociedade que se reunia nas segundas feiras à noite para estudar a Bíblia e trocar idéias. Aos domingos à tarde êles pregavam e uma vez por mês tinham sessão de negócios. Eram ativos no trabalho e muitos pregavam regularmente bem, conquanto novos no evangelho, e ajudavam Nelson no afã de ganhar almas.

Também com o propósito de auxiliar no trabalho em Manaus, Nelson começou a publicar, em abril de 1901, uma "Circular" impressa, que figura entre as nossas primeiras publicações batistas. Nesse jornalzinho Nelson não usava de meias medidas no combate à idolatria de Roma. No princípio êle explica a razão de ser da publicação: "Sendo impossível falar com todos e cumprir assim o mandamento divino "Ide e ensinai todos", torna-se necessário utilizar os meios que Deus nos tem dado para que todos possam conhe-

cer que estamos próximos do regresso de Jesus para êste mundo". A matéria segue compacta pelas quatro páginas; na última, ao lado do horário de cultos da igreja, é reproduzido o hino de Alfredo Silva que, com algumas alterações aparece em nosso "Cantor" com o número 444. Na "Circular" de Nelson êle terminava assim:

"Mas 'inda muitos, muitos
Stão longe de cristãos
Adoram deuses feitos
Por suas próprias mãos.
De tão fatal pecado,
Da idolatria vil,
Unidos no Evangelho
Salvemos o Brasil."

O número 2 da "Circular" apareceu no domingo dia 6 de outubro de 1901, redigido em inglês. Era comemorativo do 1º aniversário da igreja e constava de um relatório do que havia sido feito no primeiro ano de trabalho. A igreja havia começado com 20 membros, recebeu 23 por batismo e 1 por carta. Era, pois, de quarenta e quatro o total de membros no primeiro ano de atividades. As ofertas tôdas haviam somado dez contos, cento e oitenta e sete mil e quatrocentos réis, importância que, no tempo, segundo informava o jornalzinho correspondia a 2.000 dólares, mais ou menos. A Escola Dominical contava com 50 alunos divididos em 6 classes.

Durante o ano Nelson teve que viajar três vêzes para o Pará onde a primeira igreja por êle fundada necessitava dos seus cuidados. Durante suas ausências Ida Nelson redobrava seus esforços afim de substituir o marido. Era ela a verdadeira vida da igreja, como diz Nelson nas suas cartas. Ensinava na Escola Dominical, aconselhava os diáconos, exortava os crentes.

A Sociedade de Senhoras realizava trabalho magnífico.

Tinha sido fundada logo após a organização da igreja, com 12 membros. Reunia-se uma vez por mês para oração, pagava a luz do salão de cultos e auxiliava os doentes, os pobres e os perseguidos. Mais do que isso, entretanto, eram as visitas que faziam as irmãs, de casa em casa, lendo as Escrituras, cantando hinos e conversando sôbre o Evangelho com as senhoras visitadas, convidando-as para os cultos bem como às crianças para a Escola Dominical. Escrevendo na "Circular" nº. 2 às senhoras estadunidenses que auxiliavam o seu trabalho, Nelson conta o que faziam as irmãs de Manaus e conclui assim: "Irmãs de minha terra: vossas dádivas e orações não têm sido em vão e um dia encontrareis êsses remidos na presença do Rei. Quem não se alegrará por ter tido parte na conquista destas joias?"

Mas não se limitava à cidade de Manaus a obra de Nelson. O rio era uma estrada líquida que o convidava e desafiava. Assim, desde o princípio, subia e descia por êle, pregando nas cidades marginais. Essas viagens não eram pouco perigosas. A corrente do Amazonas parece tranqüila, mas quando se enfurece, nos temporais freqüentes, torna-se terrível. Arranca das margens pedaços de barranco que depois vogam ao sabor das águas, como se fôssem ilhas flutuantes. Viajar pelo rio era, portanto, arriscar a vida continuamente. Nelson, no entanto, nunca se preocupou com isso. Êle estava no serviço do Rei e isso bastava. Sem pensar em perigos, lá ia êle, rio acima ou rio abaixo, chicoteado pela chuva ou crestado pelo sol, sincronizando alegremente com a voz da passarada a sua bela voz, no cântico de hinos ao Senhor que o guardava. Seu hino predileto era aquêle que assim começa:

"Se eu tiver Jesus ao lado
E por Êle auxiliado
Se por Êle fôr mandado
A qualquer lugar irei".

A respeito dessas viagens dizia Nelson em artigo publicado n'O Jornal Batista de 12 de julho de 1928:

"Os membros das igrejas do Amazonas vivem da exploração da borracha e da castanha, e por isso permanecem muitos meses dentro das matas, mas sempre levam consigo a Bíblia e o Cantor. Levam cantando nas matas e lendo a Bíblia nos domingos. O resultado é que, quando voltam, trazem convite dos interessados para o missionário ou o pastor visitar êsses lugares. Eis o segrêdo das viagens longínquas para tôda a parte, e da necessidade de lanchas-motores para o trabalho nestas regiões."

Em 1903 Nelson foi até Iquitos, no Perú, cidade situada na margem esquerda do rio Amazonas, que naquelas alturas tem o nome de Maranhão. O dr. H.C. Tucker, da Sociedade Bíblica Americana, havia estado em Belém, em 1895 e lá pregara na pequena congregação batista. Travou então conhecimento com Nelson e ficou maravilhado ao ver o modo por que o missionário vendia Bíblias. Mais tarde fêz-lhe uma proposta: a Sociedade pagaria tôdas as despesas de viagem para que Nelson fôsse até o Perú vender Bíblias lá. Nelson aceitou e levou consigo oito caixotes com sessenta Bíblias cada um, sem contar os Novos Testamentos, e vendeu todos os exemplares em 27 dias de trabalho.

Foi nesse ano também, de 1903, que fêz as primeiras viagens pelos rios Madeira e Negro. Subiu o Madeira até Santo Antônio e o Negro até Santa Isabel. Sempre pregando, sempre buscando almas e procurando abrir trabalhos. Mas, infelizmente, sòzinho na grande obra, se excetuarmos alguns colaboradores raros.

Dentro os filhos na fé, trazidos a Cristo por Nelson nesses primeiros anos, alguns se tornaram preciosos auxiliares no seu trabalho como Hastimphilo Serejo, que já foi citado, Manoel Gomes dos Santos, que foi batizado em 22 de abril de 1902 e Emilio Bento Alves.

Êste último, Emílio B. Alves, foi trabalhar em Santarém onde Nelson havia lançado a semente do evangelho. Ali, com a cooperação do missionário J. E. Hamilton foi organizada em 1904 uma igreja, a segunda do Pará em ordem cronológica. O missionário Hamilton tencionava trabalhar no Amazonas, estabelecendo o seu centro de atividades em Santarém. Mas, logo depois de organizada a igreja adoeceu e, em fins daquele ano, faleceu. Um outro missionário, o Rev. Parrack veio de Texas para ocupar o lugar deixado vago. Mas também não resistiu ao clima e s doenças e, passados três meses, retirou-se. Isso nos dá uma idéia da dificuldade do trabalho e da resistência invencível de Nelson.

Assim foi que em 1906, depois de deixar a igreja de Manaus sob os cuidados pastorais de Almeida Sobrinho, Nelson voltou a Santarém para atender ao trabalho ali. Não havia mais pastor e a casa edificada pela igreja estava caindo aos pedaços. O fato de estar a igreja batista em ruinas tinha motivado grande alegria nos arraiais católicos. E' que a cobertura do templo havia desabado precisamente no mês de Maria, quando caia chuva a cântaros. A chuva caindo constantemente sôbre a frágil estrutura da casa de cultos terminou por derrubá-la e, no dizer dos católicos, Maria operou mais um "milagre"... Mas aconteceu que um contra-milagre então se produziu. João Nelson, lá dos Estados Unidos, tendo vendido uma propriedade foi inspirado a mandar o dízimo do dinheiro que auferira para o trabalho do Amazonas. E assim Nelson, quando escogitava planos para a reconstrução da igreja viu-se com mil dólares nas mãos para fazer o que bem lhe parecesse. A nova casa foi ràpidamente erguida. Construiram-na, segundo as palavras do próprio Nelson, "de táboas de cedro capaz de servir para lugar de reuniões até a volta de Jesus, porque o cedro do Amazonas, como o do Líbano foi dado por Deus para durar".

CAPÍTULO VIII

O APÓSTOLO DA AMAZÔNIA

Nelson trabalhou noutros Estados, além do Amazonas e do Pará, a êles levando a inspiração de sua vida e o estímulo do seu dinamismo. Esteve no Maranhão, no Piauí, no Ceará, na Paraíba e em Mato Grosso. Êsse trabalho merece um capítulo à parte. Mas foi especialmente a Amazônia que o atraiu e à Amazônia êle dedicou tôdas as suas fôrças. A ela se consagrou, por ela sofreu, nela veio a morrer e nela está sepultado. Nenhum preito lhe seria mais justo que êste de chamá-lo "O Apóstolo da Amazônia". Êle amava extraordinàriamente o seu dificílimo Campo e se confrangia porque tinha que trabalhar só. Em 1905, escrevendo ao Secretário-Correspondente da Junta de Richmond, êle dizia que os missionários não deveriam estar fazendo planos acêrca do clima do campo para onde deviam ir. "Cristo não disse", escrevia êle, "Ide a todos os bons climas, mas sim ide a tôdas as criaturas". Numa outra carta sua, também datada de seus primeiros anos em Manaus, êle declara: "Oh! que nossos irmãos que têm dúvidas sôbre a inspiração da Bíblia, juntamente com os adeptos do chamado "alto criticismo", que êles tirassem umas férias de uns 10 anos de seus negócios, púlpitos e cátedras e experimentassem pregar aos católicos e aos pagãos. Não teriam mais dificuldades intelectuais, mas suas mentes ficariam tão esclarecidas por fatos da vida real, que se tornariam mais aptos para o serviço do Mestre nos seminários, púlpitos e escolas. Deus tenha misericórdia de todos aquêles que com a Bíblia na mão, nutrem dúvidas sôbre sua autoridade e apesar disso "vivem do evangelho". Deus ajude também a todos que não contribuem para Missões." O

estilo de Nelson era assim enérgico e expressivo. Dá prazer ler suas cartas. Sente-se nelas a sua sinceridade e, sobretudo, o grande amor que tinha à causa de Cristo na Amazônia, amor que era, freqüentemente enevoado pela tristeza de ver que não chegavam nunca os obreiros necessários para impulsionar a obra.

Mas é difícil contar por miudo o trabalho que êle efetuou subindo e descendo o grande e amado rio, percorrendo os seus afluentes, penetrando os seus "furos", varando os seus lagos e lagoas. Muitas vêzes mergulhou êle nas suas águas para desembaraçar o seu barco preso pela ramaria submersa. Isso êle tinha que fazer regularmente nas suas viagens e o fêz até a velhice.

"Os rios eram suas estradas, suplementados pelos lagos e por inúmeros canais", diz o dr. W. C. Taylor em carta escrita a propósito da morte de Nelson. E' ainda do dr. Taylor o seguinte testemunho a respeito da obra de Nelson em Manaus: "Em nenhuma outra cidade, exceptuando Vitória, o evangelho atingiu tão profunda e largamente as altas camadas sociais."

Os barcos em que realizava as suas viagens quase que mereciam um capítulo especial também. A princípio viajava só em vapor. Depois arranjou uma canoa para poder visitar os crentes que trabalhavam nos seringais. Nela penetrava nos lagos, lagoas e "furos". Ajudava-o o pastor Manoel Gomes dos Santos que, posteriormente, foi dirigir a igreja de Itacoatiara, donde pôde acompanhar Nelson nas excursões pelo Madeira.

À canoa foi depois adaptado um pequeno motor. Ajudava bastante, mas a embarcação era muito frágil, de modo que as viagens se tornavam trabalhosas. Mesmo assim foi possível ir até Pôrto Velho, no Madeira.

Finalmente, em 1921, Nelson adquiriu a lancha que havia de ser sua companheira inseparável por dezoito anos, a

"Búfalo". "Búfalo" era a marca do motor que a movia. Foi ela construida em Belém e o dinheiro foi ofertado pela igreja de Murray, Estado de Kentucky, Estados Unidos, de que era pastor o Rev. H. Boyce Taylor, irmão do dr. W. C. Taylor.

A "Búfalo" facilitou grandemente as viagens de Nelson. Nela foi-lhe possível ir, sem novidade, de Belém até Pôrto Velho. Mas é bom que se note que, mesmo antes de recebê-la, com tôdas as dificuldades imagináveis, êle conseguiu subir o Madeira, penetrar no Mamoré até Guajará-Mirim, em Mato Grosso e Pôrto Sucre na Bolívia.

A canoa a que Nelson adaptou o motor e que usou enquanto não recebeu a "Búfalo", também tem sua história. Nelson chamava-a de "Arca de Noé". Foi construida por um jovem leproso que morava com sua família numa casa às margens do rio Madeira. Era êle um excelente construtor de barcos e tinha bastante serviço, mas no dia em que descobriu estar leproso ficou tão desanimado que já se avizinhava do desespêro. Seu pai lhe deu uma Bíblia que havia comprado há tempos. Comprara-a só por ser livro barato e ter muito material para leitura... O rapaz começou então a ler a Bíblia e nela aprendeu que os leprosos devem viver separados das outras pessoas. Assim construiu êle uma cabana próxima à casa de seus pais e nela vivia. Nesse ínterim passou Nelson por ali e pregou o evangelho a tôda a família. O leproso, Marcos de nome, converteu-se e sabendo que Nelson precisava de um barco, voltou ao trabalho e construiu a "Arca de Noé", presenteando-a ao missionário.

Mesmo antes de receber a "Arca de Noé" Nelson já estivera em Vila Bela, também no território boliviano, à beira do Mamoré, abaixo de Guajará-Mirim. Pelo rio Abunã, outro afluente do Madeira, foi até o Acre.

Nas suas visitas à Bolívia êle foi um precursor do atual movimento da Junta de Missões Estrangeiras que pretende

levar o evangelho também aos bolivianos. Fôsse Nelson ainda vivo e a Junta encontraria nêle o mais precioso colaborador nesse grande empreendimento.

Foi na sua viagem ao Acre que Nelson contraiu as famosas febres que são o terror da região. Ficou muito mal e voltou a Manaus para se tratar. Logo que teve melhoras voltou ao trabalho, agora no rio Amazonas, pregando em todos os lugares. Estava tão fraco que não se podia ter em pé. Falava sentado à frente de uma casa, à beira do rio ou de algum lago. E assim voltou de novo a subir o Madeira até Pôrto Velho. Daí foi novamente a Guajará-Mirim. Nessa viagem fêz inúmeros batismos. O que, naturalmente, lhe dava tristeza era o fato de que o povo se convertia, muitos eram batizados, mas êle era obrigado a deixá-los para atender ao trabalho noutros lugares. Fora o pastor Manoel Gomes dos Santos que também trabalhava na zona do Madeira, não havia mais ninguém para promover a obra. Foi por isso que um dos mais recentes obreiros da nossa Junta de Missões Nacionais, ao chegar a Guajará-Mirim para tomar conta do trabalho, encontrou a igreja desmantelada e os pentecostais grassando como "herva de passarinho", a querer destruir o rijo trabalho, obra de Nelson.

Na "Búfalo" em 1921, êle subiu até Pôrto Velho e ali organizou a igreja da cidade em 16 de outubro de 1921. Em janeiro de 1922 realizou o seu velho sonho: subiu o Rio Branco. Lá onde imaginara na mocidade criar imensas manadas de gado, agora, aos 60 anos, batizou 8 pessoas ganhas para Cristo e infinitamente mais preciosas que todos os rebanhos do mundo. Organizou a igreja de Boa Vista, deixando-a aos cuidados do irmão Epifanio da Silva. Logo a seguir desceu o Branco, o Negro e o Amazonas, entrando pelo Tapajós a dentro. Voltou a Santarém e atravessando até Garapé Assú lá fundou uma igreja com 22 membros, dos quais seis haviam sido por êle batizados em maio de 1921. Êles eram o fruto

do trabalho de uma professora, Dona Acelina Dias. Em janeiro de 1923 voltou outra vez ao Madeira e, passando Pôrto Velho, foi organizar uma igreja em Águas Frias, que começou com 21 membros. Voltou depois ao Amazonas e perto de Óbidos organizou em 8 de abril a igreja de Corumucuri. Em 1925 organizou a igreja de Maués. Foi nesse ano que, atacado de "beri-beri" teve que ir aos Estados Unidos afim de se tratar.

Restabelecido regressou ao campo imenso e continuou na faina sem tréguas nem descansos.

Em certa viagem que fazia por um dos lagos do rio Madeira, na "Búfalo" em companhia do irmão Serejo, houve um acidente. Quando Nelson foi por o motor em movimento êste disparou repentinamente, sem lhe dar tempo de retirar a alavanca de engrenagem. Êle recebeu um tremendo golpe que lhe decepou um pedaço do dedo indicador direito. Serejo e outro irmão que trabalhava na lancha ficaram apavorados porque não só desconheciam o caminho, como também não sabiam manejar o motor. Mas Nelson, embora ferido, quis continuar a viagem atê Pôrto Velho. Os dois não o conseguiram dissuadir e voltaram então ao Madeira, onde êle entrou em tratamento.

Êle vivia sonhando com o trabalho e com suas necessidades enormes, acima de qualquer previsão. Fazia o plano de visitar tôdas as igrejas e congregações em cada ano, mas não era possível arranjar tempo. Conforme diz o irmão Serejo, êle via portas abertas em todo lugar, mas não podia ir. Choviam os pedidos de todos os pontos e êle se afligia em seu coração porque não era possível dar atenção a todos naquele imenso mundo que é a Amazônia. Mesmo quando estava doente e ia buscar um outro lugar em que o clima lhe favorecesse o repouso, ali encontrava o apêlo do trabalho e não se eximia. A sua alma e o seu corpo estavam devotados ao campo que escolhera.

CAPÍTULO IX

DO MARANHÃO AO CEARÁ

Embora sendo, por excelência o "Apóstolo da Amazônia", Nelson não limitou sua ação evangelizadora aos Estados do Amazonas e Pará. Sabedor das necessidades da terra e da pungente falta de obreiros, de quando em quando êle deixava o seu campo de ação habitual, para ir pregar, entre muitas lutas, canseiras e perseguições, a verdade de Cristo noutros lugares. Já vimos como esteve êle em Mato Grosso, na Bolívia e no Perú. Ligeira referência já foi também feita à sua rápida estada na Paraíba. Recordaremos agora sua passagem pelos Estados do Maranhão, Piauí e Ceará.

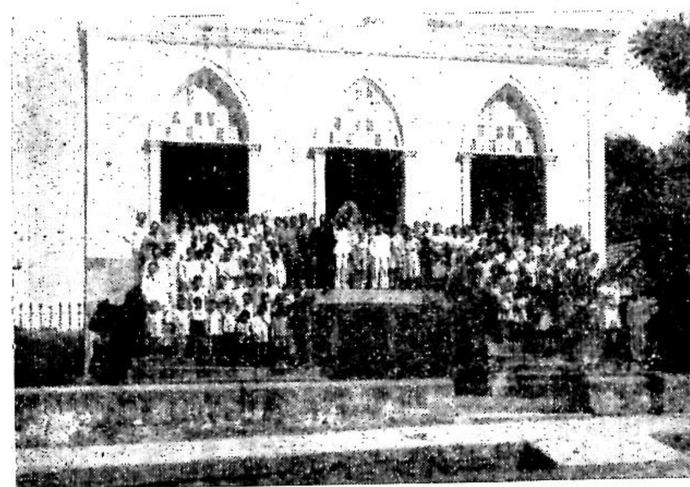
Em dezembro de 1907 rumou Nelson para o Maranhão. Havia deixado Almeida Sobrinho pastoreando a igreja de Manaus e passou algum tempo em Santarém. Foi nessa ocasião que edificou o templo de madeira de que falámos no capítulo anterior.

Chegou a São Luiz na véspera do Natal de 1907. Foi afàvelmente hospedado pelo pastor presbiteriano, Rev. Belmiro Cesar. Ouvindo falar de um certo senhor de nome Milners, missionário inglês que se dizia batista, Nelson quis cooperar com êle para levar avante a obra. Mas depois verificou que Milners podia ser inglês mas de batista nada tinha. Resolveu, então, começar sòzinho, como tantas vêzes já havia feito. Arranjou uma casa e principiou a pregar e trabalhar incansàvelmente. Dois irmãos, vindos do Pará, tornaram-se preciosos colaboradores na obra incipiente: o pastor Manoel Gomes dos Santos e o irmão Paula Barros. Após cinco meses de trabalho incessante, em 23 de maio de 1908, foi organizada a Primeira Igreja Batista de São Luiz. Os membros

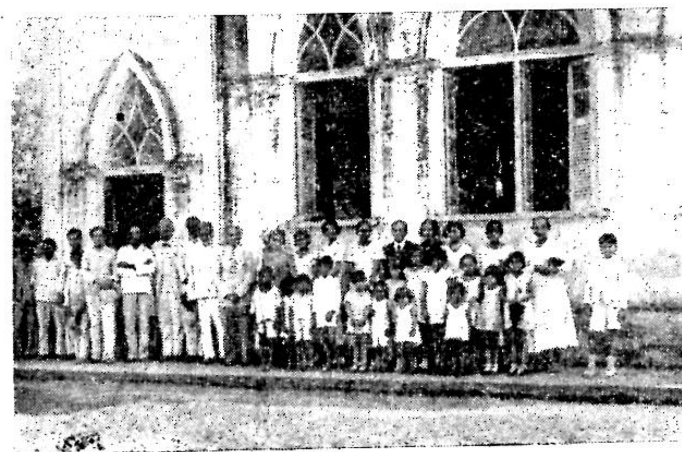
fundadores eram nove e Manoel Gomes dos Santos foi eleito pastor.

Em junho dêsse ano, valendo-se do que sobrara dos 1.000 dólares enviados por seu irmão, Nelson veio até o Rio de Janeiro assistir à 2ª. Convenção Batista Brasileira. Terminada a Convenção foi até São Paulo. Aproveitou a oportunidade para visitar também Santos e Campo Grande, no Estado de Mato Grosso. Em São Paulo esteve com o dr. Bagby, cujo artigo publicado em 1890, tanto o influenciara para vir ao Brasil.

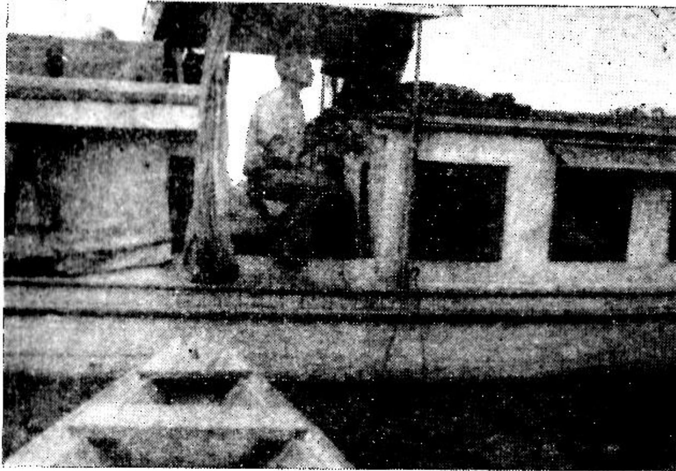
Em setembro de 1908 Nelson já estava outra vez no Maranhão visitando o trabalho que começara. De lá rumou para o Piauí, a convite da irmã Dona Orminda Teixeira. Dna. Orminda era natural de Jerumenha, no Estado do Piauí. Seu pai, que era excelente músico e um apaixonado pela educação, procurou dar aos filhos o máximo de instrução possível. Possuia um exemplar do Velho Testamento, mas não o lia aos filhos, de modo que êstes, religiosamente, foram educados pela mãe que era católica praticante. Indo ao Pará, em companhia de amigos da família, dona Orminda ouviu a pregação de Nelson na rua. Quis ir à igreja mas os amigos não consentiram. Mais tarde ela se casou com um maometano e foi morar em Manaus. Sabendo que havia batistas na cidade foi à igreja, ouviu a pregação e se converteu. Seu marido, entretanto, não consentiu que ela se batizasse. Ela esperou pacientemente durante um ano que êle cedesse. A igreja ajudou-a com suas orações e finalmente êle concordou. Logo que se converteu Dna. Orminda teve a idéia de uma missão a cumprir: levar o evangelho ao seu estado natal. Assim pensou e assim fêz. Seu irmão que era diácono da igreja de Manaus acompanhou-a e ela foi bem sucedida no meio de seu povo. Seu outro irmão, Ildefonso e uma irmã se converteram, provocando grande reboliço nos meios católicos porque os dois haviam sido até então fiéis católicos e de



Templo da 1ª. Igreja de Manaus.



Templo da Igreja de Itacoatiara, vendo-se Nelson, o sétimo a contar da esquerda.



Nelson da direção da "Búfalo"



Nelson em Pôrto Velho, no Rio Madeira, efetuando os seus últimos batismos.

sua casa é que saiam as hóstias para o vigário. Regressando a Manaus depois de tão bem sucedido trabalho, Dna. Orminda encontrou Nelson em São Luiz do Maranhão e convidou-o para ir ao Piauí pregar e batizar os convertidos. Nelson aceitou. Saindo de São Luiz êle subiu em vapor o rio Itapicurú até Caxias e de lá tomou o trem para Teresina. Daí foi pelo rio Parnaíba até Colônia. Comprou dois livros para ler durante o trajeto. Mas a viagem durou treze dias e êle não só leu os dois livros mas também a Bíblia inteira. "Se o meu leitor sente falta de paciência faça uma viagem nestes vapores no versão; uma viagem só basta!" Assim escrevia êle, bem humorado, recordando o episódio, n'O Jornal Batista, em 1928.

Pregou em Colônia e Jerumenha. Aí, em outubro de 1908, batizou no rio Gurguéia 4 pessoas. Em Colônia batizou mais quatro, sendo então organizada a primeira igreja batista do norte do Piauí. E' que o trabalho batista no Piauí começou no sul, graças aos esforços da família Paranaguá. No norte do Estado Nelson foi pioneiro. Nessa visita sua, em 1908, outras cidades foram também atingidas pela pregação e entre elas Teresina e Amarante.

Sôbre o trabalho de Nelson no Piauí há muita coisa interessante a contar. Destacamos dois episódios.

Em Jerumenha foi grandemente auxiliado pelo irmão de Dna. Orminda, o diácono João Teixeira de Morais. Logo depois de batizados os dois irmãos dêste, Nelson pensou em realizar a ceia com os novos conversos ao ar-livre porque a casa não era suficientemente espaçosa. Acorreu grande multidão, curiosa de saber que cerimônia estranha seria aquela. Era mais uma oportunidade de pregar o evangelho oportunidade que Nelson soube aproveitar devidamente. Foi aí que entrou em cena o chefe político local, Coronal Balbino Rocha que, acompanhado do vigário, padre Moisés e de um bando de soldados e jagunços, intimou o pregador a retirar-se de Jerumenha, dentro de vinte e quatro horas. Nelson não reagiu. Não que

lhe faltasse coragem. Mas a experiência de 18 anos de trabalho lhe indicava claramente quando devia prosseguir e quando convinha parar. Compreendeu, pois, que era mais prudente atender à intimação do truculento chefe político e retirar-se. Antes porém, segundo relata o pastor Coriolano Duclerc, em interessante artigo publicado no "Correio Doutrinal", Nelson "alçou a voz como trombeta e tal como Elias o tesbita na presença do feroz Acabe profetizou solenemente: "Sim, senhor coronel — eu me retiro em paz; mas fique sabendo que tão certo como o meu Deus está nos ouvindo, daqui a dois anos voltarei e o senhor estará deposto dêsse lugar e nunca mais será chefe neste município". Dito e feito. Passados dois anos Nelson voltou a Jerumenha e o coronel Balbino já havia perdido o mando. Em 1917 o pastor Duclerc visitando a cidade foi convidado para fazer uma visita ao ex-perseguidor.

Na cidade de Amarante residia o Capitão Jerônimo Cunha que recebia constantemente, sem saber quem os enviava, jornais e outros periódicos evangélicos. O misterioso remetente era o mesmo diácono João Teixeira de Morais. A palavra escrita ia assim preparando o terreno para a futura pregação. Sucedeu, pois, que em 1909 quando Nelson chegou a Amarante encontrou à sua disposição para pregar a casa do Capitão Cunha. Converteu-se com sua pregação um jovem ourives que seria depois o pastor Teófilo Dantas. Na sua volta ao Piauí, em 1911, Nelson batizou Dantas que, mesmo sem ser batizado, já vinha trabalhando dedicadamente no evangelho, tendo iniciado o trabalho em Valença, além de estar evangelizando o Cap. Cunha a quem deu folhetos diversos. Finalmente o capitão se converteu, sendo batizado pelo dr. A. J. Terry, em 1913. Quando o dr. Terry chegou ao Piauí, em 16 de julho de 1913, Nelson entregou-lhe prazeirosamente o trabalho, sabendo que o deixava em boas mãos.

Em 1908, depois de suas primeiras pregações no Piauí, Nelson deu um pulo ao Ceará. Ali pregou em Camocim a mais de 500 pessoas, revolucionando a cidade de tal maneira, que os padres arranjaram um meio de interditar-lhe a palavra. As autoridades o obrigaram a embarcar para evitar "derramamento de sangue", segundo explicaram. Nelson saiu da cidade a tempo porque, logo depois, seus inimigos começaram a procurá-lo com sanha feroz, indo verificar até debaixo das camas. Estávamos em pleno Brasil republicano e liberal, mas Roma continuava a considerar nossa terra como um feudo. Seguiu, pois, o bravo pioneiro para Fortaleza onde pregou, batizou e organizou uma igreja. Era resultado do trabalho do diácono Firmino Alves, de Belém do Pará, que Nelson havia enviado a Fortaleza, em maio daquele ano. A igreja foi organizada em 14 de novembro de 1908. Firmino Alves foi eleito pastor. Foi depois disso que, voltando ao Piauí, que Nelson passou pela experiência contada linhas atrás, na cidade de Jerumenha. Com a palavra interditada em Jerumenha Nelson foi para outras cidades, pregando tôdas as noites. Em maio de 1909 a igreja de São Luiz escolheu para pastor o irmão João Torres Filho. Nelson então voltou ao Amazonas e daí seguiu para a América do Norte, em agôsto de 1910.

Em 1911, como vimos esteve de novo no Piauí. Em 1913 visitou outra vez o Maranhão e teve então oportunidade de batizar oito pessoas na cidade de Codó. O trabalho no Maranhão lutava, como luta até hoje, com grandes dificuldades por causa da falta de obreiros. Nelson, entretanto, não ficou lá porque sentia que o seu campo de atividade era a Amazônia imensa e misteriosa.

CAPÍTULO X

A COMPANHEIRA E AJUDADORA

Não poderia deixar de ser dedicado neste livro um capítulo à corajosa espôsa de Nelson. Foi ela a espôsa ideal do "apóstolo", dada por Deus ao seu servo, para auxiliá-lo na obra gigantesca que decidiu empreender, para confortá-lo nas horas fadigosas, para reanimá-lo nos aparentes fracassos.

Às vêzes ouvimos de fiéis obreiros que, em seu trabalho têm sido prejudicados, quando não são inutilizados por causa da influência de uma espôsa que não está à altura da missão do marido. Há espôsas de pastor que são vaidosas em excesso, ou amigas de imposições, ou indiferentes pela causa, ou maledicentes e novidadeiras, que acabam por indispor o pastor com o rebanho, ou o obreiro com o trabalho. Por isso, para o ministro do Senhor é questão de importância vital a escolha de uma companheira. Aí daquele que não a sabe escolher por meio da oração constante e fervorosa. Ai daquele que se deixa seduzir apenas por um par de belos olhos, ou por uma aparência vistosa, ou por trajes e maneiras elegantes, ou por outros quaisquer característicos secundários.

Nelson foi feliz na sua escolha. Ida Nelson foi de fato uma companheira, uma ajudadora completa do grande homem de Deus. Não poderíamos, pois, deixar de dedicar-lhe nesta obra pelo menos um capítulo. Ao fazê-lo volvemos os olhos da imaginação para a velhinha que está lá nos Estados Unidos, com 76 anos de idade, acarinhada pelo afeto dos filhos do seu amor, mas recordando sempre com a mente e o coração os anos heróicos vividos com o espôso na luta ingente pela causa gloriosa.

Infelizmente Ida Nelson não pôde ficar sempre junto do espôso. De saúde delicada e não podendo se dedicar devidamente aos filhos, ela, em 1910, não voltou com o marido ao Brasil. Ficou lá nos Estados Unidos com os filhos. Eram êstes cinco, três rapazes e duas meninas.

Lá na outra América, com as suas orações e as suas cartas ela continuou a ajudar o companheiro, mas a sua ausência era irreparável. Por dezoito anos, de 1910 a 1928. Nelson trabalhou sem a sua ajuda. Mais tarde, escrevendo um artigo para O Jornal Batista, depois de ter dedicado algumas palavras carinhosas à coragem da mulher, Nelson confessa, revendo o trabalho feito naqueles dezoito anos: "se ela pudesse ter estado com êle (o autor escreveu na 3ª. pessoa) êste tempo, auxiliando-o, muito mais poderia ter conseguido".

E não há dúvida que isso era verdade. A só presença da espôsa ao seu lado bastaria para estimular Nelson. Quando êle sofria e se exauria no trabalho, quando ficava prostrado pelas doenças terríveis da terra, ela, ao seu lado, muda mas eloqüente, com um breve sorriso nos lábios, parecia dizer-lhe: "Olha que eu sofro também. Também eu me canso. E sou mulher... Mas resisto porque a obra é de Deus e há milhares de almas perdidas que precisam de nós". E Nelson se levantava e prosseguia com mais animação.

Ida Guilhermina Lundberg era filha de pais batistas. Êles eram suecos emigrados e ela nasceu nos Estados Unidos em 13 de agôsto de 1869, em Randolph, Estado de Kansas. Era, portanto, sete anos mais moça que o marido.

Nelson encontrou-a pela primeira vez numa de suas excursões evangelísticas, logo depois que se sentiu chamado para a obra da pregação. Depois que êle resolveu vir para o Brasil encontrou-a de novo. Ida sentia que se não casasse com aquêle moço ardente e idealista não se casaria com mais ninguém. Êle lhe falou da terra onde pretendia trabalhar e

ela o ouviu, enlevada e já pensando no dia em que para lá também haveria de partir.

Entretanto, Nelson, despediu-se sem exigir dela qualquer compromisso. Mas quando, um ano após, chegou ao Instituto de Índios onde ela trabalhava, uma carta do jovem obreiro, convidando-a a vir para o Brasil partilhar com êle da obra difícil que iniciara, ela não teve um instante de hesitação. Deixou o seu trabalho, fêz as malas, comprou com seu dinheiro a passagem e partiu ao encontro daquele que amava. Vimos em capítulo anterior as peripécias do casamento, efetuado no mesmo dia em que ela chegou a Belém. Vimos também as árduas dificuldades do trabalho recém iniciado. Mas nada será mais significativo, a respeito da vinda de Ida Nelson, do que as palavras do próprio marido, em 1928, nO Jornal Batista: "Ida Guilhermina Lindberg veio de Kansas, sòzinha (quase como o outro Lindberg, embora mais corajosa) sabendo que o futuro marido não tinha salário ou auxílio da missão, nem garantia de sustento; mas julgando uma grande oportunidade de servir a Deus e também de ajudar os que trabalham, pois que tinha oferecido os seus serviços à Missão do Norte, e julgou agora que esta era a resposta de Deus; e os que conhecem o trabalho dela no grande Vale, não têm dúvida quanto a isto."

Depois de casados vieram os filhos. Em 1895, com dois filhos, cheia de cuidados por êles, pelo marido e pelo trabalho, foi ainda, por duas vêzes, atacada pela febre amarela. Mas não desfaleceu. E continuava a encorajar o marido e a ajudá-lo também nas despesas, trabalhando sem descanso na máquina de costura. Doente embora, permaneceu firme no pôsto e só quatro anos depois, em 1899, foi aos Estados Unidos para recobrar a saúde.

Quando em 1900 Nelson se fixou em Manaus, Ida se revelou doutro modo uma auxiliar imprescindível. Êle tinha que viajar pelo rio, ora parando em Belém, para resolver al-

gumas dificuldades aparecidas, ora em Santarém, ora em qualquer um dos muitos pontos que lhe chamavam a atenção e que êle desejava evangelizar. Mas a novel congregação e depois igreja de Manaus não ficava desamparada. Os crentes acorriam à casa do missionário e se aconselhavam com a jovem espôsa do pastor e ela para todos, fôssem as senhoras, fôssem os alunos da Escola Dominical ou os futuros pregadores, tinha uma palavra de confôrto e de fé, exortando-os a permanecer firmes no evangelho.

Quando em 1928 já com perto de 60 anos ela resolveu acompanhar de novo o marido ao Brasil êle se sentiu tão forte e encorajado que declarou perante a Convenção Amazonense que esperava trabalhar ainda 15 anos no Grande Vale. E por pouco deixou de realizar seu desejo.

Ida Nelson foi a companheira ideal para o grande homem de Deus. Frágil, delgada, de saúde delicada mas de alma forte, dessa fortaleza que domina as debilidades do corpo e alcança as mais extraordinárias vitórias, ela não atrapalhou a vida do marido com lamúrias e queixas. Não se deixou abater nas horas difíceis. Não tentou dissuadir o companheiro quando êle imaginava emprêsas arrojadas. Não desfalecia quando êle a deixava por dias e meses a fio, sòzinha em Manaus, com os filhos. Soube corajosamente comer com êle o pão das lágrimas e arrostar com êle o açoite da perseguição. Brava e nobre mulher! Quanto lhe deve o trabalho de Cristo no Brasil .A lembrança do que fêz, nos anos em que aqui esteve, lado a lado com um dos maiores servos de Deus que já mourejaram em nossa terra, deve-lhe tornar menos tristes as suas horas de saudade agora, lá na outra América, longe de sua segunda pátria e longe de seu companheiro que se foi, antes dela, para as celestes moradas, como antes dela veio para a nossa pátria.

CAPÍTULO XI

O FIM DO LIDADOR

Em 1935 Eurico Nelson realizou, em companhia do dr. L. M. Bratcher, Secretário-Correspondente da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira, uma longa viagem através do vale amazônico, afim de estudar as necessidades do campo, as deficiências do trabalho, as oportunidades a aproveitar.

Mas o campo era vastíssimo e ambos reconheceram que era necessário fazer uma outra viagem, dispondo de mais tempo e calma, numa outra ocasião. Combinaram essa outra viagem para 1939 depois que Nelson voltasse de suas férias. O dr. Bratcher deveria encontrar o velho missionário em Guajará-Mirim, no atual território de Guaporé, na margem do rio Mamoré, em princípios de 1939.

Nelson foi aos Estados Unidos e lá a Junta de Richmond deu-lhe aposentadoria do serviço ativo. Estava com 76 anos e já fôra atacado por tôdas as moléstias da selva amazônica: a febre amarela, o impaludismo, o "beri-beri" e outras mais. Tôda aquela longa vida gasta no trabalho estava necessitando de um descanso. Podia agora viver seus últimos anos em companhia da espôsa, dos filhos, dos netos. Durante todos aquêles quase cincoenta anos de trabalho intenso, desde que se casara em 1891, quanto tempo havia dedicado à família? Muito pouco. Pois não passava meses e meses em intermináveis viagens pelos rios da Amazônia? E não ficara a sua boa companheira dezoito anos nos Estados Unidos?

Se êsses pensamentos ocuparam a mente de Nelson, o que não é provável, não foi por muito tempo. Seu coração estava no Brasil. A Junta aposentou-o mas êle não se sentia

satisfeito nos Estados Unidos. Como que se partia seu coração, quando pensava nas necessidades do Amazonas.

Por uma dessas coincidências que são ordenadas por Deus aconteceu que Nelson não tinha seus papéis de naturalização e o govêrno norte-americano não lhe permitiu permanência por mais tempo. Assim êle alegremente, dando "vivas" às leis de Tio Sam, voltou ao Brasil e em 10 de maio de 1939, às três horas da tarde, às margens do rio Mamoré, Nelson e o dr. Bratcher se apertaram as mãos. Naquele mesmo dia iniciou-se um grande avivamento na igreja de Guajará-Mirim. A casa de cultos se encheu. Nelson parecia estar em pleno vigor. Respirava alegria e fôrça.

De Guajará-Mirim seguiram para Porto Velho. Completado aí o trabalho, os missionários ficaram mais cinco dias, à vista da insistência do povo. No domingo de tarde Nelson batizou cinco novos convertidos. Foram os últimos batismos que êle efetuou.

Segunda-feira embarcaram na "Búfalo" e partiram rio abaixo. Os dois missionários iam falando de Cristo às populações marginais. Era magnífico o entusiasmo com que Nelson falava.

Mas, ao passarem em Maués, Nelson adoeceu. Um peixe que não estava fresco provocou uma espécie de intoxicação. Já não podia dirigir a lancha e entregou-a ao dr. Bratcher. Rumaram para Itacoatiara. Não havia médico na cidade mas Nelson insistiu em permanecer ali e realizar o trabalho projetado. Os cultos foram ótimos recebendo a igreja um grande avivamento. Mas Nelson não pôde sair da lancha onde os irmãos iam visitá-lo. Tinham feito o plano de subir o rio Urubú mas, na segunda-feira, o doente foi acometido de nova crise. O dr. Bratcher resolveu então seguir para Manaus onde haveria mais recursos. Nelson bem que argumentou para que continuassem a viagem, de acôrdo com o plano.

Sua vontade era de ferro e, caso pudesse se erguer, êle mesmo empunharia o leme, para subirem o rio Urubú.

Quando chegaram a Manaus e o dr. Bratcher foi buscar o companheiro para levá-lo à terra, viu-o desmaiar em seus braços, tão fraco estava. Teria morrido, pensou aflito, o dr. Bratcher. Ainda não. Recobrou logo os sentidos e daí a pouco era levado de automóvel para casa. Começou a ser tratado e apresentava melhoras. O trabalho na Primeira Igreja de Manaus foi iniciado e os irmãos oravam pelo seu grande amigo. Passadas duas semanas, êle parecia pronto para outra. Traçou planos juntamente com o dr. Bratcher para a prossecução da viagem. Queria fazer alguma coisa, dizia. O dr. Bratcher estava trabalhando sòzinho e êle descansando. Não podia continuar assim.

Na sexta-feira, 16 de junho, êle teve um rápido desmaio que pareceu sem grande importância. Quando o dr. Bratcher voltou da conferência da noite na Primeira Igreja, pensou em medicá-lo, mas êle não quis. "Vou deixar para depois. Amanhã estarei bom", disse êle.

Às seis horas da manhã de sábado, ao se levantar, o dr. Bratcher olhou para Nelson que dormia: estava tranqüilo, respirando sossegadamente. Meia-hora depois voltou e notando no rosto do velho obreiro uma palidez anormal, alarmou-se e, apalpando-lhe o coração viu que êste já não batia mais. "O Grande Coração sôbre que pesara a salvação do Vale Amazônico, durante quase cincoenta anos, deixara de pulsar para sempre."

Na comovida notícia que enviou ao Jornal Batista o dr. Bratcher conta:

"A triste nova espalhou-se com grande rapidez através da cidade e multidões começaram a surgir para exprimir o seu sentimento e sua apreciação do obreiro de grande coração. Com os olhos em lágrimas contavam como êle os guiara ao Mestre. A Primeira Igreja de Manaus tomou conta de todos os preparativos para o funeral, o que foi feito de um modo digno do morto. Nada mais poderia ser dito.

Os funerais, no dia seguinte, constituiram o transbordar espontâneo da apreciação e amor d eum povo cordial àquele homem amado e admirado. Todos os jornais diários publicaram belos artigos em que o honraram. O interventor federal do Estado enviou o seu representante. A companhia de bondes enviou as suas autoridades e um carro especial para levar o povo ao cemitério. Tôdas as classes, diversas nacionalidades e tôdas as denominações mostraram amor e apreciação do grande obreiro que fôra descansar. O belo esquife foi sepultado sob as belas côres das flores tropicais, ao passo que o interior do esquife estava pleno de pétalas das mais variadas flores. O corpo fôra depositado no templo da Primeira Igreja no sábado à tarde, onde foi levado à última morada no belo cemitério que domina a cidade. De modo tão belo a morte o colheu que uma criança disse: "Ora, o irmão Nelson está apenas dormindo.

O culto funerário foi tal qual o homem; simples, mas cheio de poder. Causou uma forte impressão sôbre a cidade, impressão que jamais será esquecida. Naquela manhã de domingo, Eurico A. Nelson, pregou a sua última e mais grandiosa mensagem ao Vale do Amazonas.

Quando o esquife desceu à última morada, a tampa desapareceu sob as mais lindas flores do trópico. Assim o grande Apóstolo realizou o seu desejo de descansar no coração do grande vale que êle amava e ao qual dera quase meio século de serviço."

CAPÍTULO XII

CONCLUSÃO

Após quarenta e oito anos de trabalho, de 1891 a 1939, Eurico Alfredo Nelson, passou para a eternidade. Foi mas suas obras ficaram. O enorme campo em que agiu aí está a desafiar a coragem de mais obreiros.

Não é possível avaliar com os nossos pobres recursos humanos a bênção que a vida do grande obreiro representou para a causa do evangelho. Só na glória eterna poderemos saber o quanto o "Apóstolo da Amazônia" fêz no seu quase meio-século de atividades na terra brasileira, pregando infatigàvelmente em vários estados, fundando igrejas, reanimando trabalho antigos e criando novos, bem como inspirando outros para o auxiliarem na promoção e prossecução da obra.

Êle iniciou o trabalho batista no Pará, no Amazonas, no Maranhão, no Norte do Piauí e no Ceará. Glória inegualável foi a sua de ser o pioneiro em cinco Estados diferentes. Fundou dezenas de igrejas, a Primeira de Belém do Pará, a Primeira de Manaus, a de Santarém, a de São Luiz, de Fortaleza, de Guajará-Mirim, de Pôrto Velho e uma série de outras. Seria interessante traçar a história dessas igrejas com as suas lutas e provações, as suas vitórias e quedas e Nelson procurando sempre auxiliá-las, embora não lhe fôsse possível visitar tôdas ao mesmo tempo, espalhadas que estavam num campo tão grande. "Além das coisas exteriores me oprime cada dia o cuidado de tôdas as igrejas". A palavra de Paulo em II Coríntios 11:28, Nelson poderia repetir em muitas ocasiões. Êle precisava cuidar das igrejas porque num campo tão vasto eram escassos os obreiros, como ainda hoje o são.

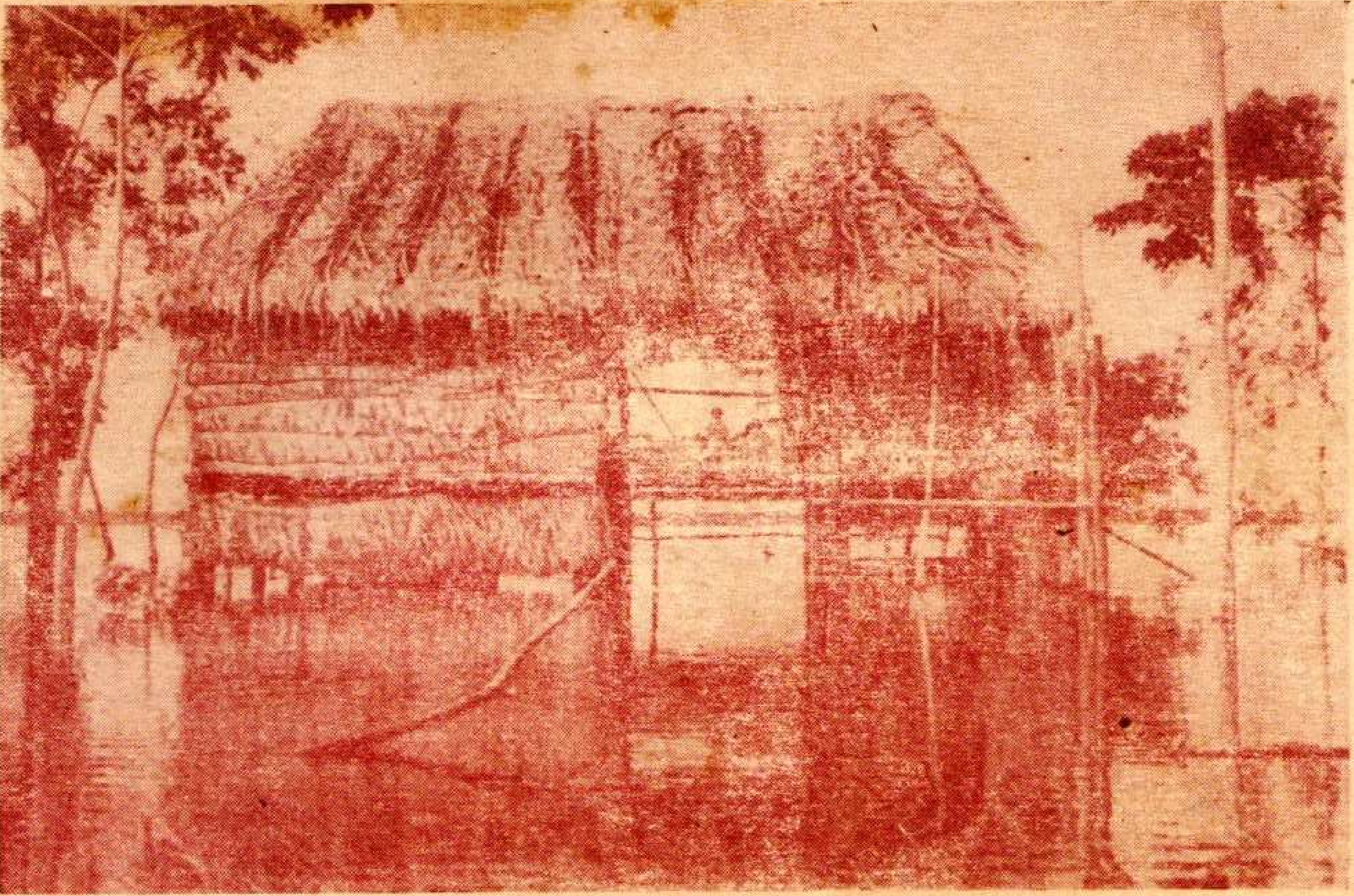
L. Howard Jenkins, presidente da Junta de Richmond, quando soube da morte de Nelson disse: "Nenhum missionário de nossa Junta foi tão abnegado no serviço sacrificial." "O maior missionário que o Norte do Brasil jamais conheceu passou para a eternidade", escreveu Miss Mildred Cox, em carta enviada a Dna. Ida Nelson, relatando o culto memorial, efetuado em Recife, pela Missão do Norte. São êsses, além de muitos outros, que seria longo citar, dois tributos bem merecidos prestados à memória do verdadeiro herói de Cristo que foi Eurico Nelson.

Seria interessante falar da conversão, da vida e da obra daqueles que podiam chamar Nelson de "pai espiritual" e que tão ativos se mostraram na cooperação que lhe deram: o Coronel Antonio Lopes Barroso, o Capitão Hastímphilo Serejo, o Professor e depois Pastor Tomaz de Aguiar, o Pastor Teophilo Dantas, o Capitão Jerônimo Cunha, o Pastor Benício Leão, o Pastor Raymundo Nobre, o Pastor Manoel Gomes dos Santos e dezenas de outros. Mas não convém alongar mais esta pequena obra.

Agora aqui, prestes a pingar o ponto final na sua biografia, como que o vejo perto de mim e como que sinto a presença de seu trabalho, ao lançar o olhar alternadamente para o mapa da Amazônia que êle tanto amou e para o seu retrato em que se vê aquela nobre cabeça de cabelos embranquecidos na luta e em que se adivinha um olhar vivo, penetrante e cheio de bondade e amor. Meus olhos se erguem do mapa e se fecham como num sonho. E vejo nesse sonho o Grande Rio, que continua a rolar suas águas lentas, sombrias e silenciosas. Para onde rolam elas? Não importa. Mas ao correrem como que cantam suave e lamentoso canto. Ou será antes um apêlo que elas fazem? Um apêlo para que se le-

vantem moços como Nelson era quando, pela primeira vez, se contemplou no espêlho móbil das águas do rio-mar. Que moços irão se levantar, avigorados pela fôrça invencível das supremas abnegações, para varar aquelas águas, devassar aquelas florestas e penetrar naqueles lagos, fundando congregações, igrejas, asilos, colégios, continuando a obra do grande homem de Deus e procurando ganhar para Cristo a terra em que êle viveu e morreu?

Rio, 17-6-1944.



Casa de crentes do Rio Branco.
Estas e milhares de outras almas esperam ainda por um apóstolo da Amazônia.
Quem irá ?